

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

EDUARDA YANARA SOUZA DOS PASSOS

**RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA: UMA PRÁTICA
EMANCIPATÓRIA**

Florianópolis – SC

2020

EDUARDA YANARA SOUZA DOS PASSOS

**RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA: UMA PRÁTICA
EMANCIPATÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de graduação em Licenciatura em Educação do Campo do Centro de Ciências da Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Como requisito para obtenção de notas e o título de Licenciada em Educação do Campo – Áreas das Ciências da Natureza e Matemática.

Orientadora: Dra. Carolina Orquiza Cherfem

Florianópolis – SC

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Passos, Eduarda Yanara Souza

Relações de Gênero e Sexualidade na Escola: Uma Prática
Emancipatória / Eduarda Yanara Souza Passos ; orientadora, Carolina
Orquiza Cherfem, 2020.

87 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Graduação em Educação do
Campo, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Educação do Campo. 2. Relações de gênero e sexualidade. 3. Pesquisa-
Ação. 4. Feminismo . 5. Educação do Campo. I. Cherfem, Carolina Orquiza .
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Educação do
Campo.

III. Título.

Eduarda Yanara Souza dos Passos

Relações de Gênero e Sexualidade na Escola: Uma Prática Emancipatória

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciada em Educação do Campo” e aprovado em sua forma final pelo Curso Licenciatura em Educação do Campo - Áreas das Ciências da Natureza e Matemática.

Florianópolis, 23 de janeiro de 2020.

Profa. Dra. Adriana Angelita da Conceição
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Carolina Orquiza Cherfem
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Me. Daniele Rehling Lopes
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Inara Fonseca Ferreira Mandu da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Me. Maíra Caroline Defendi Oliveira
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado à minha avó, Maria Tereza, por ser fonte de inspiração, fortaleza e afeto. À ela e a tantas Marias, as que foram e as que virão.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer a importância da participação de algumas pessoas para que eu, Eduarda, esteja aqui hoje, no espaço da universidade, fazendo essa pesquisa especificamente.

Ser quem eu sou estando aqui, é ser resistência. Resistência para além de todas as coisas pelas quais eu luto é entender que eu sou, antes de tudo, mulher, a filha de alguém, a neta de alguém. E para além disso perceber que sendo mulher entre elas, isso demonstra que sou amada e esse amor me mantém para que eu siga resistindo. Venho de uma família de muitas mulheres, de mulheres muito fortes. Por isso, preciso começar agradecendo a elas:

Primeiro, a minha mãe Kelly Nayara, por todo tempo, dedicação e amor. Por tantas vezes abdicar de suas necessidades para que as minhas fossem supridas. Por ser sempre aquela que acredita em mim, nos meus sonhos e lutas, por trilhar comigo a caminhada dentro da Educação do Campo e nessa pesquisa. A minha avó Maria Tereza, a quem eu também dedico este trabalho, por ser o alicerce da minha família, por mostrar que o ser mulher - mesmo carregado de dores - também leva consigo todo o amor possível.

Agradeço a minha irmã Letícia, que desde sempre compartilhou comigo os sonhos de uma outra sociedade possível através da educação e da nossa luta pelo feminismo. Também ao meu padrasto Edson, pela presença constante, pelo cuidado e disposição para que eu me mantivesse na universidade.

A minha dupla Fabiana, companheira de projeto, de pesquisa e de vida. Sou grata por ela ter se juntado a mim em luta e em resistência. Pelos sonhos, planos, marchas, encontros, por sonhar e fazer comigo uma outra educação. Eu sempre digo que a minha luta só fez sentido quando se juntou a dela. Nossa parceria na universidade, nosso projeto e nossas pesquisas alinhadas só reafirmam isso.

As minhas amigas Ediana e Izamara por toda atenção, amor e companheirismo nesses anos, por me mostrarem como o ser educadora pode ser tão bonito e potente se estivermos também ao lado de pessoas preparadas e preocupadas com uma educação mais humana, crítica e emancipatória.

Agradeço a Daniele Rehling, professora e amiga, por ter estado comigo no início dessa jornada, pela disponibilidade e entrega. Por nos mostrar que a educação pode - e deve - ser feita através do afeto, e por fazer isso de forma tão bela!

Aos demais professores e professoras e colegas da Licenciatura em Educação do Campo, esse curso me proporcionou experiências incríveis.

Grata a direção, professores, professoras e funcionários da Escola de Educação Básica Dr. Francisco Izabel por embarcarem comigo nessa pesquisa e acreditarem no meu trabalho. E principalmente aos/as estudantes por construírem essa pesquisa ao meu lado, sem eles/elas nada disso seria possível.

Por fim, a minha orientadora Carolina, pela dedicação e paciência, por encarar comigo a loucura que é um TCC e por fazer isso tão lindamente. Por acreditar na potência da Educação do Campo e, principalmente, nas mulheres.

Ah se todas essas Marias se ajuntar

Sapatão, trans, viadas

Pretas, brancas, amarelas

Pedras e sonhos nas mãos

Punhos erguidos

Seremos todas, todas

Marias da revolução!

(Poesia de Ingrid Maria e voz Dandara Manoela)

RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo apresentar a investigação e a prática desenvolvida na Escola de Educação Básica Dr. Francisco Izabel, no município de Mafra - SC. Esta pesquisa teve como finalidade analisar e desenvolver ações junto à escola com temas relacionados às relações sociais de gênero e sexualidade, debatendo com os/as estudantes do ensino médio essa temática. Foi desenvolvida neste trabalho uma pesquisa bibliográfica, através da qual se demonstra a importância da abertura de momentos e discussões acerca desses temas no espaço da escola e da sala de aula, vinculados não somente ao ensino de ciências, mas como um tema que perpassa os diversos momentos no contexto escolar. No desenvolvimento da Pesquisa-Ação, a pesquisadora realizou reuniões com a direção e coordenação da escola, planejamento coletivo das ações que seriam desenvolvidas e, por fim, as atividades com os/as estudantes de três turmas (1º, 2º e 3º anos do ensino médio), através de uma perspectiva emancipatória e feminista, vinculada às práticas da Educação do Campo. Percebeu-se a importância deste debate para a emancipação dos/das jovens em idade escolar. A pesquisa, cujo resultado corresponde à análise desta ação na Escola, gerou impactos positivos com os/as estudantes e escola, revelando a necessidade de discussão sistemática das relações de gênero e sexualidade na escola.

Palavras-chave: Relações sociais de gênero. Sexualidade. Feminismo. Emancipação. Pesquisa-ação. Educação do Campo.

ABSTRACT

This course conclusion work has as goal present the research and the practice developed in School of Education Basic Dr. Francisco Izabel, in the municipality of Mafra – SC. This research aims to develop actions next to school with related themes social relations gender relations and sexuality, debating with students from highschool this theme. Was developed In this work a bibliographic search, through which demonstrates the importance opening moments and discussions about these themes in the school space and the classroom, linked not only to science teaching, but as a theme that run through the various moments in the school context. In the development of Action Research, the researcher performed held meetings with direction and coordination from school, collective action planning that would be developed and finally, activities with the students from three classes (1st, 2nd and 3rd years of high school), through a perspective emancipatory and feminist, linked to the practices of Field Education Noticed the importance this debate for emancipation of young people of school age. The search, whose result corresponds to the analysis of this action in the School, generated positive impacts with the students and school, revealing the need of systematic discussion of gender relations and sexuality in school.

Keywords: Gender Social Relations. Sexuality. Feminism. Emancipation. Action Research Field Education.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Formação mulheres e agroecologia - Itaiópolis (SC).

Imagem 02: 6ª JURA - Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária - Florianópolis (SC).

Imagem 03: 6ª JURA - Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária. Mesa: violência contra a mulher do campo: o que isso tem a ver com reforma agrária? - Florianópolis (SC).

Imagem 04: 6ª JURA - Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária. Cine debate - Documentário "Sozinhas" - violência contra as mulheres que vivem no campo - Florianópolis (SC).

Imagem 05: 18º Jornada da Agroecologia. Varal com as ações do projeto - Curitiba (PR).

Imagem 06: 18º Jornada da Agroecologia - Curitiba (PR).

Imagem 07: Coletivo Feminista Marielle Franco.

Imagem 08: Ação - 2º ano EEB. Dr. Francisco Izabel - Mafra (SC).

Imagem 09: Ação - 1º ano EEB. Dr. Francisco Izabel - Mafra (SC).

Imagem 10: Slide utilizado nas ações.

Imagem 11: Slide utilizado nas ações.

Imagem 12: Slide utilizado nas ações.

Imagem 13: Slide utilizado nas ações.

Imagem 14: Slide utilizado nas ações.

Imagem 15: Slide utilizado nas ações.

Imagem 16: Slide utilizado nas ações.

Imagem 17: Sala de aula com cartazes.

Imagem 18: Pesquisa - termo “bombeiro”.

Imagem 19: Pesquisa - termo “bombeira”.

Imagem 20: Recado deixado pelos/as estudantes.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: População mafrense dividida por sexo.

Tabela 02: População mafrense dividida por situação domiciliar.

Tabela 03: Nível de instrução da população mafrense.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DST's - Doenças Sexualmente Transmissíveis

EduCampo - Educação do Campo

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PCN's - Parâmetros Curriculares Nacionais

PPP - Projeto Político Pedagógico

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TC - Tempo Comunidade

TU - Tempo Universidade

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	21
1.1 A pesquisadora e o caminhar da pesquisa	26
1.2 Nós e o nó	27
1.3 O município de Mafra	28
1.4 Escola de Educação Básica Dr. Francisco Izabel	30
1.4.1 Reuniões e Planejamentos	32
2. CAPÍTULO 1: O DEBATE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO	35
2.1. Gênero e Sexualidade e o Ensino de Ciências	42
2.2. Educação Sexual, não sexista e Feminista	45
2.3 Projeto Práticas Sociais em Educação do Campo: Intersecções de Classe, Raça e Gênero na Pesquisa e na Ação	48
3. CAPÍTULO 2: A PRÁTICA: PESQUISA COM AÇÃO NA REALIDADE	55
3.1. Planejamento	59
3.2 “É informação, é uma luzinha jogada”	66
3.3 “Professora, fale pra gente ver o que é”	67
3.4. “Meninos vestem azul, meninas vestem rosa”?	71
3.5 “Quando uma mulher avança, nenhum homem retrocede”	73
3.6 O ser pesquisadora na prática	75
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85

1. INTRODUÇÃO

“Sou força porque todas nós somos, sigo porque seguiremos todas nós juntas!” (Marielle Franco).

Os debates sobre as relações de gênero, seja no espaço da escola e da universidade, ou da família, dos amigos e outros grupos sociais, têm se mostrado como uma ação necessária, visto que, a forma como construímos, estabelecemos e mantemos as relações de gênero estão diretamente relacionadas à construção das personalidades dos/das sujeitos/as e ao modo como somos educados/as pela sociedade, já que as relações de gênero estruturam a sociedade. Isso trás consigo uma carga de dúvidas, medos e incertezas.

Na sociedade em geral e, principalmente no momento político em que vivemos, quando se propõe o debate sobre gênero em qualquer espaço, principalmente no escolar, para crianças e adolescentes é comum ouvir “Querem ensinar sexo pro/a meu/minha filho/a”. Quando na verdade, debater gênero está para além disso. Nesta direção, este trabalho pretende desmistificar e desnaturalizar isso, já que, nas palavras de Scott (1989, p. 7), “o gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as ‘construções sociais’ – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres” (SCOTT, 1989. p. 7).

Construímos e mantemos uma sociedade opressora em diversos aspectos. Onde se reproduzem violências e as naturalizam. Desta forma vivenciamos, de forma cultural, machismo (em diversas formas, espaços e através de violências que se expressam de diferentes maneiras). Uma cultura que se mantém através do patriarcado, conforme aponta Saffioti (2015, p. 44), “[...] como o próprio nome indica, é o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens”. Sendo que isso não apresenta-se apenas no espaço familiar, mas mantém a estrutura de poder e dominação da sociedade como um todo.

As questões de gênero, principalmente na esfera onde se relaciona com sexo e sexualidade, é marcada por sentimentos e questionamentos. Quando se pensa no debate no espaço familiar é comum que seja tratado como tabu, algo do qual não se deve falar. Além da vergonha de falar com os filhos sobre isso, o tema

também é recheado de preconceitos. Principalmente quando se pensa em espaços como os do município de Mafra, onde este trabalho foi realizado, em que as concepções de cunho moral e religiosa são marcantes. De modo geral, o debate das relações de gênero é levado para um debate relacionado à religião. Tudo isso acaba sendo reproduzido em outras esferas na sociedade, inclusive na escola. Já que, como professores/as e educadores/as, debater isso em sala de aula pode significar problemas com a gestão escolar e com as famílias, ao não considerar apropriado que essas discussões sejam feitas no espaço escolar.

Na contramão destes pré-conceitos acerca do tema, o trabalho que aqui se apresenta tentará defender que discutir as temáticas sobre corpo, gênero e sexualidade é uma função social da escola e do ensino de ciências. Não se trata de doutrinação ideológica ou de tentativa de transformar a mente das crianças, mas de permitir que as pessoas entendam o significado do respeito às diferenças e que tenham conhecimentos e informações sobre o seu próprio corpo, para terem autonomia sobre as suas vidas, independente de ser homem ou mulher e independente de sua orientação sexual.

Este trabalho é fruto de uma pesquisa-ação desenvolvida junto da equipe gestora e dos/das estudantes do Ensino Médio da Escola de Educação Básica Dr. Francisco Izabel, no município de Mafra, para a Conclusão de Curso em Licenciatura em Educação do Campo (EduCampo) - Ciências da Natureza e Matemática, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A pesquisa apresenta o processo e o resultado da análise de uma ação prática na escola, na qual se discutiu gênero e sexualidade com três turmas do ensino médio.

Este objetivo se apresenta em consonância com a EduCampo, que propõe a formação de professores/educadores para escolas do campo, nas áreas de Ciências da Natureza e Matemática. Também apresenta o foco em uma educação humanizada, crítica e emancipatória. Além da formação, têm um importante papel de transformação social, mesmo que no pequeno espaço de nossa comunidade. O curso apresenta-se com elevada formação política e pedagógica, trazendo para âmbito acadêmico as discussões acerca de questões de gênero, étnico-raciais, classe social, entre outras.

Desenvolvemos o curso em Regime de Alternância, o qual tem por objetivo a educação integrada entre teoria e prática, entre escola e vivência dos estudantes em seus locais de vida e trabalho.

Assumindo o trabalho como princípio educativo, a Pedagogia da Alternância permite aos jovens do campo a possibilidade de continuar os estudos e de ter acesso aos conhecimentos científicos e tecnológicos não como algo dado por outrem, mas como conhecimentos conquistados e construídos a partir da problematização de sua realidade, que passa pela pesquisa, pelo olhar distanciado do pesquisador sobre o seu cotidiano. (CORDEIRO; REIS; HAGE; p. 116, 2011).

Sendo assim, o debate sobre as relações de gênero, sexualidade e educação sexual, além de importantes na formação de educadores/as para as escolas do campo é um debate no qual nos colocamos como sujeitos/as transformadores/as dos nossos meios. Compreendendo que essas relações já estão colocadas para nós em sociedade, e que é parte do nosso papel político e pedagógico, promover e abrir essas discussões, seja na universidade, na escola ou na comunidade.

Levando em consideração os princípios e as ideias da EduCampo, já apresentadas anteriormente, além da nossa atual conjuntura política, história e cultural, de ameaça aos direitos das populações do campo e as diversidades de gênero, cor, religião. Este trabalho apresenta-se para além de uma obrigação acadêmica, mas um dever enquanto futura educadora do campo, que também é um dever político.

Desde sempre ouvimos na escola que “[...] sexo está vinculado à biologia (hormônios, genes, sistema nervoso e morfologia) e gênero tem relação com a cultura (psicologia, sociologia, incluindo aqui todo o aprendizado vivido desde o nascimento).” (PISCITELLI, 2009. p. 123-124).

É necessário entender e estender as discussões de educação sexual para além de uma perspectiva das doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência e métodos contraceptivos, principalmente quando estreitamos o debate às meninas e mulheres do campo. Nesse sistema de dominação patriarcal, no campo onde ainda imperam concepções religiosas, o espaço, a voz, as vontades e os corpos das mulheres são ainda mais invisibilizados e colocados em situação de submissão.

Muito tem se falado atualmente sobre questões de gênero, nos diversos espaços. De que forma isso faz parte do nosso cotidiano e está no nosso 'ser docente' e reflete em nossas práticas, seja no ensino, na escola, dentro ou fora de nossas comunidades e municípios. Por isso, esta temática tem se mostrado bastante delicada, ao reproduzir as ideias de que "Educação sexual é ensinar sexo", ideia esta que é extremamente equivocada. O entendimento e diálogo a respeito disso tem sido difícil, mesmo numa era de informação fácil e rápida pela internet.

A pesquisa foi desenvolvida na Escola de Educação Básica Dr. Francisco Izabel, no município de Mafra. Por se tratar do local de moradia e vivência da pesquisadora. A escola é o local onde se ouvem, vivenciam e reproduzem diversos relatos sobre as questões referentes a educação sexual, seja pelos métodos contraceptivos, a gravidez na adolescência ou mesmo as questões de gênero em sua forma mais ampla.

Sendo assim, a proposta desta pesquisa é demonstrar a importância dos debates sobre gênero e sexualidade no espaço escolar. Bem como, demonstrar a ação, que se propôs emancipatória, desenvolvida no ano de 2019 na Escola de Educação Básica Dr. Francisco Izabel. Abordando os temas que envolvem as relações de gênero, através de oficinas com os/as estudantes do Ensino Médio da referida escola.

Para esta pesquisa com ação na realidade, com esta temática e para esse público específico, a metodologia pensada foi a Pesquisa-Ação. Compreendendo ser necessário um contato maior com os/as sujeitos/as de pesquisa, entendendo suas ideias e perspectivas. Sendo assim, essa metodologia prevê uma ação de transformação da realidade do local investigado.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo." (THIOLLENT, 2011, p. 20)

Para que, através das ações, sejam promovidos debates, visando a emancipação de meninos e meninas de forma mais integral no que se refere a esses temas. Entendendo as relações sociais de gênero e sexualidade como uma questão

pertinente a todos/as. Essa necessidade é percebida nas conversas com os/as sujeitos/as da realidade escolar.

Cabe aqui esclarecer o entendimento a respeito de emancipação, como conceito fundamental da prática deste trabalho, ela nada mais é do que o processo de libertação política, cultural, humana e social de todos os/as sujeitos em situação de opressão.

Neste sentido, a emancipação através do debate das relações sociais de gênero e sexualidade se dá a partir das próprias práticas coletivas voltadas ao acesso ao conhecimento e promoção de uma libertação dos/das estudantes no eu se refere a essas questões. Os/as libertando de amarras históricas e estruturantes da sociedade. Para além disso,

[...] o processo emancipatório [...] acontece de uma intencionalidade política que assume um futuro voltado para transformação social. Acontece por todos aqueles que são comprometidos com a desopressão. (RAMBO, p. 02)

A questão da emancipação se relaciona a questões sociais, culturais e humanas. Desta forma, para se manter uma prática de educação libertadora, o/ educador/a

[...] precisa reconhecer, primeiro, nos educandos um processo de saber mais, os sujeitos, com ele, deste processo e não pacientes acomodados; segundo, reconhecer que o conhecimento não é dado aí, algo imobilizado, concluído, terminado, a ser transferido por quem o adquiriu e quem não o adquiriu (FREIRE, 1997, p. 29).

Para tanto, neste trabalho foram propostas atividades, visando a promoção dessa emancipação. As ações foram desenvolvidas separadamente nas turmas 1º, 2º e 3º anos, sendo dois encontros para cada uma das turmas, com as mesmas temáticas, vídeos e materiais, através de oficinas, divididas em sete blocos:

- Gênero. Gênero e Sexo / Sexualidade;
- Ideologia de Gênero? O debate atual;
- Identidade de Gênero e Orientação Sexual;
- Os diferentes papéis de gênero;
- Trabalho Produtivo X Trabalho Reprodutivo;
- A mulher no mundo do trabalho;

- As diferentes abordagens da Educação Sexual e de Gênero;

A pesquisa foi realizada através de ações desenvolvidas com os estudantes do Ensino Médio, com participação da equipe gestora e professoras de diferentes disciplinas.

Além disso, é importante destacar que este TCC foi desenvolvido juntamente ao Projeto “Práticas Sociais em Educação do Campo: Intersecções de Classe, Raça e Gênero na Pesquisa e na Ação”, que será descrito posteriormente neste trabalho, e do qual a pesquisadora é bolsista.

Este TCC se divide em dois capítulos. O Debate de Gênero na Educação e; A Prática: Pesquisa com Ação na Realidade. O primeiro tratando gênero histórica e teoricamente, dentro da escola e no ensino de ciências; e o segundo, envolvendo as ações desenvolvidas na escola, trazendo os relatos e reflexões, os quais indicarão os resultados da prática realizada e da pesquisa desenvolvida.

1.1 A pesquisadora e o caminhar da pesquisa

Tudo começa pelo fato de eu, Eduarda, habitar um corpo feminino e me identificar como mulher. Só esta já é razão suficiente para me motivar a realizar essa pesquisa, da forma como é proposta.

Para além disso, outra motivação é a sensibilidade encontrada nas trocas com outras mulheres, nos diferentes espaços. O fato de vivermos em um município pequeno, com uma questão religiosa muito forte, que nos define muitas vezes. E também pelo momento político atual em que vivemos, onde demarcar e debater esses temas se torna necessário frente aos retrocessos.

Minha aproximação com os debates e questões étnico-raciais, de gênero e sexualidade se deu com a minha entrada no curso, ao me perceber enquanto mulher negra em uma Universidade Federal. Essa percepção só acontece por estar presente nesse espaço, a partir daí pude perceber as situações pelas quais estava sujeita por ser mulher e, sobretudo, por ser uma mulher negra de um município pequeno.

Crescemos e somos educadas acreditando em certos padrões, com um jeito certo de se vestir, brincar, se portar, se comportar, até de sentar. Com hora certa para falar - sem poder fazê-lo demais. Se perceber e se desconstruir dentro de tudo isso demanda certo esforço. A Educação do Campo é revolucionária nesse ponto, para além do científico, para além do pedagógico, é um lugar de conhecer e reconhecer-se no outro, sobretudo NA OUTRA, na mulher que habita o meu corpo e tudo que isso representa.

As vivências na comunidade, na escola e no município me fizeram perceber a urgência do debate acerca desses temas nesses espaços. Falar sobre as mulheres é resistência. Falar sobre as dores das mulheres é revolução. Acredito ser essa a principal razão pela qual escolhi e escrevo sobre esse tema, a necessidade, a ânsia por ocupar esses espaços e poder estar com as mulheres, me juntar a elas em suas dores, lutar junto delas quebrando a “naturalidade” com que as violências acontecem.

Além disso, a entrada na escola é sempre impactante, um lugar onde se ouve muito sobre esses temas. De 2016 a 2018 atuei em uma escola do campo no município de Mafra - a mesma na qual estudei minha vida toda -, desenvolvendo atividades administrativas e pedagógicas, fora da sala de aula. Esta prática me fez ter uma nova visão de educação e de ser mulher. Podendo ouvir e participar das vivências de jovens meninas do campo, o que ampliou muito a minha percepção e empatia pelas mulheres e pelas questões de gênero, reforçando a necessidade de falar sobre este tema na escola.

1.2 Nós e o nó

Nós: pronome. Pessoa que fala e mais uma ou várias. Mas além disso, nós, todas as vozes, afetos, militâncias, mentes e mãos pelas quais passa essa pesquisa. Uma pesquisa, sobretudo uma pesquisa ação, no modelo que se propõe aqui, não se faz sozinha. Mesmo que a responsabilidade do relato e a entrega do trabalho seja individual, é um compromisso coletivo e político.

Nó: substantivo masculino. Enlaçamento de fios, de linhas, de cordas, de cordões, fazendo com que suas extremidades passem uma pela outra, amarrando-as. O nó que nos une em luta, em movimento e em resistência. Que nos faz juntas

buscar uma educação emancipatória, que nos enlaça e faz com que nossas lutas caminhem por um ideal comum. Um substantivo masculino que se torna uma ação feminina e feminista, realizada e pensada por e para mulheres.

Desta forma, no decorrer da escrita e dos relatos da realização da pesquisa, será sempre usado o pronome “NÓS”, eu não a fiz sozinha. Nós - eu e outras tantas - fizemos ao amarrar nosso nó.

1.3 O município de Mafra

A unidade escolar pesquisada está localizada no município de Mafra, que se encontra no Planalto Norte do estado de Santa Catarina, sobre o qual também é importante tecer algumas linhas.

O município de Mafra têm sua história diretamente ligada ao município de Rio Negro - PR, com o qual faz divisa, os dois estados disputavam o território do município. Em 1896, a questão de limites passa a ter um caráter judicial e somente em 1917 o município foi instalado, sendo considerado catarinense, a margem esquerda do rio Negro¹.

Recebe esse nome, portanto, em homenagem a Manoel da Silva Mafra, defensor de Santa Catarina na questão judicial de limites de terras com o Paraná.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no último censo (2010) a população mafrense totalizava 52.912 pessoas, sendo estimadas 56.292 pessoas para o ano de 2019. Como é possível perceber nas tabelas 01 e 02, a seguir, a população é dividida entre “sexo” (feminino e masculino) e por situação domiciliar (rural e urbana).

Tabela 01: População mafrense dividida por sexo.

Sexo	Número de pessoas
Masculino	26.251

¹ Rio que corta os municípios de Mafra e Rio Negro. Demarcando a divisa entre Santa Catarina e Paraná.

Feminino	26.661
----------	--------

Fonte: Adaptado de IBGE Cidades: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/mafra/>>

Tabela 02: População mafrense dividida por situação domiciliar.

Situação	Número de pessoas
Urbana	41.318
Rural	11.594

Fonte: Adaptado de IBGE Cidades: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/mafra/>

Dessa população, 7.769 tem idade de 0 a 9 anos, 17.927 de 10 a 29 anos e 27.216 de 30 a 60 anos ou mais.

Além disso, o IBGE Cidades (2010) também apresenta o nível de instrução da população, ou seja, a situação educacional dos/das sujeitos/as. Como é possível ver na tabela 03, na sequência:

Tabela 030: Nível de instrução da população mafrense.

Nível de instrução	Número de pessoas
Sem instrução / Fundamental incompleto	21.514
Fundamental incompleto / Médio completo	9.309
Médio completo / Superior incompleto	10.867
Superior incompleto	3.352
Não determinado	101

Fonte: Adaptado de IBGE Cidades: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/mafra/>>

Percebe-se aqui que um número significativo da população, de 10 a 60 anos de idade ou mais, não tem instrução ou têm ensino fundamental incompleto, isso representa cerca de 41,22% da população total do município.

É no espaço da escola que levamos informação, transformada em conhecimento, e promovemos mudança (no sentido de mudança de hábitos, e de respeito). Entretanto, há outros/as sujeitos/as em outros espaços aos quais muitas vezes a informação não chega. Promover o debate com os/as adolescentes na escola possibilita que essa informação seja levada para casa, aos

familiares e a comunidade, promovendo emancipação de diferentes formas e a diferentes sujeitos.

Dessa forma, é importante pensarmos no papel da Educação do Campo, pensando outras realidades e outros/as sujeitos/as, levando informação e trocando conhecimento nos diferentes contextos e realidades. Nessa pesquisa se propõe uma educação voltada ao público escolar do ensino médio, através da realização de oficinas, a qual será descrita a seguir, mas que com algumas adaptações poderia ser construída em outros locais.

1.4 Escola de Educação Básica Dr. Francisco Izabel

A Escola de Educação Básica "Dr. Francisco Izabel" iniciou seu funcionamento como escola mista em 01 de fevereiro de 1955 no bairro chamado Vila Buenos Aires, denominada "Escola Reunidas Vila Buenos Aires". Em 03 de maio deste mesmo ano passou a ser chamada "Escola Reunida Dr. Francisco Izabel" em homenagem ao Dr. Francisco Izabel, professor e diretor escolar do município.

Em 22 de agosto de 1962 foi denominada Grupo Escolar "Dr. Francisco Izabel. Neste mesmo ano mudou-se da Vila Bueno Aires para o bairro Jardim América, onde está localizada até hoje. A partir do decreto E/SEE 162 de 18 de abril de 1973 passou a ser chamada "Escola Básica Dr. Francisco Izabel". Com a implementação do 2º grau (ensino médio), no ano de 1988 passou a ser Colégio Estadual "Dr. Francisco Izabel". E pela portaria E/017/SED de 28 de março de 2000 passa a ser chamada, por fim, Escola de Educação Básica "Dr. Francisco Izabel".

A escola atende atualmente cerca de 330 estudantes, divididos nos turnos matutino e vespertino, de 1º a 5º ano (Ensino Fundamental Anos Iniciais), 6º a 9º ano (Ensino Fundamental Anos Finais) e 1º a 3º anos (Ensino Médio), dos quais 07% utilizam o transporte escolar. Atendendo as localidades Jardim América (onde está localizada), Vila Clementina, Vila Argentina (área urbana) e Fazenda do Potreiro (área rural).

Como já dito anteriormente, a escola foi escolhida por ser da comunidade onde reside a pesquisadora, onde, portanto, existem vínculos com a realidade e o contexto local. Para além disso, há questões que se aproximam com o debate das relações de gênero, como por exemplo os/as embaixadores/as do Dia Laranja², que são alguns dos/as estudantes da escola, que realizam palestras e ações em escolas e outras instituições, falando sobre a violência contra as meninas e mulheres, a necessidade de combatê-las e as formas de denúncia existentes. Nessas palestras também são abordados brevemente temas como feminismo e papéis de gênero.

Além disso, de acordo com o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, neste local devem haver as seguintes práticas, demandas pelos PCNs:

- Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia a dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si mesmo e respeito;
- Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais. (PPP, 2019).

São percebidos no contexto escolar e da comunidade diversas questões relacionadas a essa temática, que perpassam a vida de estudantes, professores/as e pais. Por isso se propôs, a partir desse trabalho, desenvolver ações que estivessem vinculadas a essas realidades, aos questionamentos e dúvidas que não aparecem somente na infância e na adolescência, com tabus que, muitas vezes, acompanham os/as sujeitos/as por toda a vida.

Sendo assim, todos os processos foram desenvolvidos coletivamente, as reuniões, os planejamentos, as escolhas de materiais, até a efetivação das ações na escola com os/as estudantes.

² Dia de combate a violência contra meninas e mulheres. Marcando dia 25 de novembro como dia de luta e mobilização nacional, amplificado para os dias 25 de todos os meses do ano.

1.4.1 Reuniões e Planejamentos

Antes das ações propriamente ditas, foram realizadas três reuniões na escola, uma de apresentação da proposta, e duas de conversas para alinhar o desenvolvimento da pesquisa com a equipe gestora e outras professoras envolvidas. Posteriormente realizou-se o planejamento coletivo e encaminhamento das ações.

O contato inicial foi através do agendamento de uma conversa com a diretora da escola. Nesta conversa foi apresentada pela bolsista uma Carta de Apresentação, onde foram descritos os objetivos da pesquisa, das ações do projeto e o vínculo com a Educação do Campo.

A diretora da escola demonstrou interesse pelo tema a ser trabalhado, dando abertura para que a pesquisa fosse desenvolvida no local. Contando um pouco sobre como percebe as relações de gênero, a violência, a sexualidade e até mesmo questões sociais sérias e complexas como o aborto, dentro da escola e para além dela, na comunidade.

Em outra reunião, a estudante reuniu-se na escola com a diretora da unidade escolar, para uma conversa a fim de definir alguns pontos das ações e da pesquisa.

Ficou estabelecido, portanto, que as ações aconteceriam no período matutino, pois é neste período que os estudantes do Ensino Médio encontram-se em horário de aula na escola. O desenvolvimento da pesquisa-ação dependia da disponibilidade das aulas e do contato com professores/as de outras disciplinas.

As oficinas foram realizadas em três turmas (1º, 2º e 3º anos) com mais ou menos 30 estudantes em cada uma. Desta forma, foram realizados dois encontros com cada uma das turmas separadamente. Totalizando uma média de 90 estudantes.

Optamos por desenvolver todo o planejamento das ações coletivamente. Definindo juntas tudo que seria trabalhado e debatido nos momentos com os/as estudantes posteriormente.

Os encontros foram pensados para serem realizados com cada uma das turmas separadamente, para que os debates ocorressem de uma forma mais

tranquila e para que se sentissem mais a vontade somente com os/as colegas de turma. Considerando que, eram pessoas “estranhas” chegando e falando sobre esse tema, que muitas vezes não é feito em nenhum espaço, nem na escola, nem em casa. Então é compreensível que inicialmente sintam-se envergonhados de alguma forma.

Para isso, foram definidos dois encontros com cada uma das turmas, com sete blocos de debates, os quais serão explicitados na terceira parte deste trabalho, sendo eles:

- Gênero. Gênero e Sexo / Sexualidade;
- Ideologia de Gênero? O debate atual;
- Identidade de Gênero e Orientação Sexual;
- Os diferentes papéis de gênero;
- Trabalho Produtivo X Trabalho Reprodutivo;
- A mulher no mundo do trabalho;
- As diferentes abordagens da Educação Sexual e de Gênero.

Para explicitar os procedimentos metodológicos e pedagógicos do trabalho, que envolvem os temas das relações de gênero e sexualidade, o texto segue realizando uma discussão teórica sobre esta temática no âmbito educacional. Na sequência será apresentada a pesquisa propriamente dita, que compete na ação e análise da prática desenvolvida na realidade escolar.

2. CAPÍTULO 1: O DEBATE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO

“Eu não acredito que tenha existido uma só comunidade em que a alma de algumas mulheres não tenha batido suas asas em sinal de rebeldia” (Angela Davis).

Neste capítulo iremos abordar de forma teórica as relações e construções sociais de gênero na educação, no que abrange o corpo e a sexualidade no ensino de ciências e a visão atual que se percebe sobre esses debates no espaço escolar.

É visível a diversidade encontrada na escola, ou mesmo em uma turma, além do gênero, de etnias, religiões, pensamentos, culturas e crenças. Entretanto, muitas vezes tudo isso é negado nesse espaço. A existência de diferentes sujeitos/as, de pessoas da comunidade LGBTQIA+³, em suas diversas orientações sexuais e identidades de gênero.

Os estudos de gênero incluem a vida social, educacional e cultural. Não havendo espaço específico, nem idade ou nível de escolarização pelos quais eles devem perpassar.

Histórica e teoricamente o conceito nasce para contrapor o modelo de determinismo biológico. Posteriormente para demonstrar as condições de ser mulher em sociedade. Conforme aponta Furlani (2011), isso tornou inevitável o olhar sobre a história e a constatação de que são múltiplos os processos sociais que constroem os gêneros.

As questões que envolvem gênero e sexualidade se apresentam em todos os espaços e através de todos/as sujeitos/as. Em casa, por exemplo, temos os nossos primeiros “modelos sexuais”, ao perceber o comportamento do pai ou da mãe e atentar para as diferenças e o que representa ser homem e ser mulher, geralmente reproduzindo padrões e estereótipos violentos.

³ A sigla refere-se a uma categoria de diversidade de gênero e sexual, sendo: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, pessoas Queer, Intersexuais, Assexuais + diversas possibilidades de identificação.

Faz-se o debate restringindo a Educação Sexual e de Gênero na escola somente as questões mais ligadas à reprodução, a transmissão e prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's) e a prevenção da gravidez. O que geralmente é feito através de palestras ou em momentos raros e pontuais, quando parece não ter mais solução senão “jogar” a informação aos/as estudantes. Chamando um/uma profissional da área da saúde para medir e transmitir as informações.

Entretanto, como aponta a autora Furlani (2011), as campanhas não mudam, ou mudam muito pouco o comportamento do público a que são dirigidas. Ainda, conforme a autora,

[...] tem sido notório e desanimador a constatação da ineficiência dos processos educacionais, sobretudo quando o produto a ser observado e a mudança nas atitudes pessoais que levem a decisão pela vivência de uma sexualidade segura, igualitária entre os gêneros, responsável em relação ao futuro pessoal. (FURLANI, 2011, p. 131)

Demonstrando, portanto, que a informação repassada através desses métodos convencionais, por si só, não garante uma reflexão e mudança de hábito por parte dos/das estudantes atendidos/as. Portanto, mesmo que a informação seja necessária, ela esbarra em outras questões, que uma palestra ou uma campanha não alcançam.

Por mudanças de hábitos a que nos referimos aqui estão o respeito e o reconhecimento da diversidade, seja na escola ou em outras esferas da sociedade. A relação com o corpo e, conseqüentemente, com a saúde quando se refere a vivência da sexualidade de forma mais abrangente. O respeito às diversas formas de expressão e identidade, mas também aos nossos próprios corpos e vontades.

Nos próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), a sexualidade humana é considerada expressão que envolve fatores biológicos, culturais, sociais e de prazer, com significado muito mais amplo e variado do que a reprodução, para pessoas de todas as idades. É elemento de realização humana em suas dimensões afetivas, sociais e psíquicas que incluem, mas não se restringem a visão biológica.

Furlani (2011) chama atenção para uma “Cultura Educacional da Prevenção” para diversos aspectos da vida humana e da sexualidade. Ao apontar essa Cultura

como uma atitude pedagógica, que deve transcorrer toda a vida educacional, da Educação Infantil ao Ensino Médio.

Como poderá ser percebido no Capítulo 2, onde contaremos a experiência com as ações específicas deste trabalho na escola. É possível perceber que, se o tema fosse trazido com mais frequência, tanto em casa, mas principalmente pelo olhar educacional e pedagógico, os/as estudantes estariam mais a vontade para falar, debater ou esclarecer dúvidas a respeito do tema, quando há um espaço aberto de diálogo para isso.

Ao entrar no espaço escolar e, em qualquer conversa tocar no termo “gênero”, é comum que se perceba olhares atentos, dúvida, reprovação. Culturalmente nos tempos em que vivemos essa palavra - gênero - que carrega tantos outros significados e que representa uma forma de educação para a emancipação, de troca de informações e experiências, vêm direto com a frase “Querem ensinar sexo para o/a meu/minha filho/a” ou mesmo “Querem ensinar meu/minha filho/a ser homossexual (como se essa fosse a pior coisa do mundo, e também como se fosse possível e necessária uma cura!), ao tentar justificar que a educação sexual não se faz na escola e, principalmente, não se faz para crianças. Entretanto,

As manifestações de sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir são as respostas mais habituais dadas pelos profissionais da escola. Essas práticas se fundamentam na idéia de que o tema deva ser tratado exclusivamente pela família. De fato, toda família realiza a educação sexual de suas crianças e jovens, mesmo aquelas que nunca falam abertamente sobre isso. O comportamento dos pais entre si, na relação com os filhos, no tipo de “cuidados” recomendados, nas expressões, gestos e proibições que estabelecem são carregados de determinados valores associados à sexualidade que a criança apreende.⁴

Para além disso, também é necessário que se entenda que, o debate de gênero, mesmo que inclua o sexo e o ato sexual, está para além disso, não podendo ser definido ser apenas por questões biológicas, mas compreendendo que reflete relações construídas social e historicamente. Conforme aponta Saffioti,

⁴ Trecho retirado do livro organizado pelo MEC. Orientação Sexual. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>

O conceito de gênero carrega uma dose apreciável de ideologia. E qual é esta ideologia? Exatamente a patriarcal, forjada especialmente para dar cobertura a uma estrutura de poder que situa as mulheres muito abaixo dos homens em todas as áreas da convivência humana. É a esta estrutura de poder, e não apenas à ideologia que a acoberta, que o conceito de patriarcado diz respeito. Desta sorte, trata-se de conceito crescentemente preciso, que prescinde das numerosas confusões de que tem sido alvo. (SAFFIOTI, 2015, p. 136)

Ampliando a discussão feita acima, também é equivocado pensar que o debate de gênero deve ser feito ou se referênciada apenas às mulheres ou meninas. Conforme descreve Cherfem,

Falar de gênero não é o mesmo que falar de mulher ou de sexo, tendo em vista que as relações de gênero são construídas por mulheres e homens, independente de sua orientação sexual e afeta toda a sociedade. O conceito propõe muito mais do que incorporar as mulheres nas análises teóricas; propõe mostrar como são relações que também estruturam a sociedade e que merecem amplo destaque social. (CHERFEM, 2014, p 58)

É costumeiro que se defenda uma educação sexual ou para a sexualidade somente no espaço da casa ou no espaço familiar. Para que se preservem valores e crenças, principalmente no que tange questões religiosas em nosso município. Exclui-se o debate sobre sexualidade ao pensar em diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais, inviabilizando a existência dessas diversidades, além de desqualificar o que se debate sobre as relações de gênero e o ser homem ou ser mulher na sociedade.

Furlani (2011) aponta para a existência de oito diferentes abordagens para a Educação Sexual no cenário pedagógico brasileiro.

1) Abordagem biológico-higienista

Refere-se à educação formal, reduzida ao desenvolvimento sexual humano, através do determinismo biológico. Dando ênfase à biologia somente, na fase de “iniciação sexual” na adolescência, pois fazê-lo antes estimula a sexualidade precocemente.

2) Abordagem moral-tradicionalista

Essa abordagem está relacionada a defesa de abstinência e privação sexual, promovida pela direita radical, defendendo que doenças e gravidez seriam facilmente evitados se esta abordagem se expandisse.

Além disso, sustenta que a sexualidade é um debate no qual os únicos responsáveis são a família. Defendendo papéis tradicionais, monogamia, castidade e prazer, pois o sexo só deve existir para fins reprodutivos.

3) Abordagem terapêutica

Buscam-se explicações para o que consideram uma vivência “anormal” da sexualidade, como é o caso das pessoas da comunidade LGBTQIA+. Acreditando na existência de uma “terapia de cura” para esses casos, definindo como uma “possessão demoníaca”.

Além de definir como responsável pela homossexualidade (de gays ou lésbicas) como sendo a mãe, que não foi capaz de suprir a ausência de um pai (no caso dos meninos) ou não conseguiu estreitar laços e aprovar a feminilidade (no caso das meninas).

4) Abordagem religioso-radical

É caracterizada pelo apego literal à interpretação das palavras pregadas na Bíblia. Sendo considerados pecadores aqueles que se deixam levar pelas “tentações da carne” como drogas, bebidas, sexo fora do casamento. Dessa forma, também prega a castidade e a privação sexual, possível somente ao se tratar de reprodução. Além de não permitir a contracepção, seja qual for o método utilizado.

É possível perceber a aproximação entre as três últimas abordagens descritas no texto. Pode ser que mudem pelos métodos adotados, mas no que se refere a permanência dos papéis tradicionais de gênero e ao pecado nas relações sexuais que envolvam prazer.

As abordagens a seguir, conforme aponta a autora, estão mais próximas do reconhecimento das diferenças.

5) Abordagem dos direitos humanos

Demonstra que, para além da classe social, gênero, identidade de gênero, orientação sexual, condição física, entre outras coisas também são fatores que levam a exclusão de sujeitos/as. Pauta, portanto, uma educação que seja capaz de desconstruir representações negativas de sujeitos/as excluídos/as. Além de articulada com políticas públicas, visando minimizar desigualdades. É então, um debate político, dentro e fora da escola.

6) Abordagem dos direitos sexuais

São direitos sexuais, de acordo com a Declaração dos Direitos Sexuais⁵: o direito à liberdade sexual; o direito à autonomia sexual, a integridade sexual e a segurança do corpo sexual; o direito à privacidade sexual; o direito à justiça; o direito ao prazer sexual; o direito à expressão sexual emocional; o direito à livre parceria sexual; o direito a fazer escolhas reprodutivas livres e responsáveis; o direito à informação baseada na investigação científica; o direito à educação sexual integral e o direito a atenção a saúde sexual.

Portanto, falar em direitos sexuais das mulheres é “falar não só em questões de ordem biológica/reprodutiva (concepção, anticoncepção, aborto, tecnologias reprodutivas), mas também em questões de ordem afetiva/prazerosa (ligadas a representação de “liberdade sexual”).” (FURLANI, 2011, p. 26). Passando, desde as práticas sexuais e a identidades, mas também a incorporação do conceito de gênero.

7) Abordagem emancipatória

Busca a emancipação, a liberdade, de forma integral. Entendendo a sexualidade enquanto dimensão dos/das sujeitos/as.

Está ligada a consciência, para que seja possível fazer suas próprias escolhas, que leva a liberdade para que os/as sujeitos/as possam escolher seus caminhos. Rompendo as ordens historicamente estabelecidas.

8) Abordagem queer

⁵ A Declaração dos Direitos Sexuais foi elaborada no 13º Congresso Mundial de Sexologia (1997). Tendo sua aprovação no 14º Congresso Mundial de Sexologia (1999).

Através da perspectiva *queer* são percebidos outros/as sujeitos/as, os quais não estavam contemplados pelo modelo de sexualidade hegemônico, mesmo no modelo identitário homossexual.

Para Furlani,

“o primeiro aspecto de uma pedagogia *queer* escolar consiste na crítica desconstrutiva da educação dominante que apresenta a heterossexualidade como identidade hegemônica, compulsória e incontestável.” (2011, p. 39-40).

Sendo assim, esta pesquisa toma como base as abordagens dos direitos humanos, sexuais e emancipatória. Onde se pauta a desconstrução de padrões nocivos e heteronormativos, que produzem e reproduzem violências. Por acreditarmos serem essas as abordagens que levam a uma liberdade de forma mais integral à meninos e meninas nos espaços da escola, da comunidade e sociedade em geral.

Por isso se defende uma educação não sexista que vá ao encontro dos debates do feminismo e uma educação para a emancipação das mulheres de diferentes idades e em diferentes contextos.

De acordo com o IBGE, no último censo (2010) o município de Mafra possuía uma população de 52.912 habitantes, desses/as, 44.472 declararam-se na religião Católica Apostólica Romana, ou seja, 84,04% da população. Isso está ligado também ao debate sobre gênero na escola em um modelo tradicional e conservador. Como destaca Scavone (2008), o catolicismo tradicional sustentava a posição reinante: separação das duas esferas (por gêneros) e mantinha-se irreduzível em relação às questões da reprodução e da sexualidade.

Vem daí, portanto, a necessidade de se desconstruir também os papéis de gênero pautados na ideologia do patriarcado e promover o debate em relação ao feminismo, como ferramenta de emancipação para a vida de meninas e mulheres (respeitando todas as concepções e crenças religiosas). Pois, ao politizar as relações pessoais, o feminismo combatia um dos pilares da dominação masculina: a dependência da sexualidade com a reprodução, com todos seus desdobramentos familiares, sociais e políticos. (SCAVONE, 2008, p. 2)

Enquanto educadores/as, especialmente educadores/as formados pela Educação do Campo, é necessário que se lute e se faça uma educação objetivando combater relações autoritárias e opressoras, questionando padrões heteronormativos e violentos.

2.1. Gênero e Sexualidade e o Ensino de Ciências

De modo geral, este tema no espaço escolar é restrito (quando feito) apenas a área da saúde, como dito anteriormente, ou a área das Ciências. Então, espera-se que o/a responsável por transmitir informações em algum momento pontual, seja o/a professor/a de ciências ou biologia, percebendo a sexualidade apenas pelo olhar biologicista ou, por vezes, higienista. Porém, como aponta Ochoa (2008), é preciso revisar essa postura e reconhecer que muitos/as educadores/as são potencialmente opressores/as.

Conforme Goellner “um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno” (2003. p. 29). Não somos formados/as apenas pelo que nos constitui fisiológica ou biologicamente, somos resultado das construções sociais, emocionais, psicológicas que nos rodeiam.

Heilborn (1996) aponta a não continuidade entre sexo físico e sexo social. Destacando como a distinção entre as dimensões anatômicas e fisiológicas dos seres humanos e as dimensões culturais são atribuídas a cada um dos sexos.

A autora Furlani (2011) também explicita essa visão biológica e reprodutiva das relações de gênero e da educação sexual na escola:

Educadores/as parecem aceitar o entendimento hegemônico de que a abordagem da sexualidade deve acontecer apenas na adolescência (5ª a 8ª série). Esse entendimento educacional é limitado e parece se amparar na ideia de que a “iniciação sexual” só é possível a partir da capacidade reprodutiva (puberdade). Com isso, a escola está sempre atrasada: primeiro, em relação às expectativas e às práticas sociais das crianças e jovens e, segundo, em relação à capacidade de o ensino escolar mudar comportamento a partir da relevância da informação e da discussão que oferece (a informação chega tarde demais). (FURLANI, 2011, p. 67)

A escola, mesmo que transmita informações aos estudantes, o faz de forma muitas vezes opressoras, e geralmente tardiamente, já que se acredita que ela não

pode ser feita na infância, ao defender que isso estimula de alguma forma uma sexualidade precoce. Pois ainda é recente - e chocante - a percepção de que mesmo as crianças menores possuem uma sexualidade que pode e deve se expressar (Furlani, 2011, p. 67).

Desta forma, acaba-se deixando para tocar no assunto brevemente nos anos finais do ensino fundamental, quando se trata de corpo humano e reprodução. Mas já é tarde e, geralmente, acaba não passando disso.

É necessário, portanto, pensar uma outra maneira de se fazer e se educar os/as jovens para a sexualidade e a vida a partir dela. Pensando sim, nas contribuições biológicas para esse entendimento e para as questões relacionadas à saúde de meninas e meninos. Entretanto, como apresenta Furlani (2011, p. 67) “o principal paradigma a ser desconstruído é o entendimento de que a sexualidade, para as pessoas, se justifica pela reprodução”.

Souza (2013, p. 16) explica que “quando falamos no corpo humano partimos de uma visão biologista para explicar aquilo que acontece com e nele; amparamo-nos em sua fisiologia e anatomia, no seu micro funcionamento e constituição celular e genética”.

Conforme indica Stefanés,

Educação para Sexualidade refere-se à problematização e a desconstrução dos modelos hegemônicos e naturalizados de se compreender e viver as sexualidades, as relações sociais de gênero, as identidades e a orientação sexual. Compreende-se que os discursos que falam sobre elas são construções sociais, históricas e culturais, permitindo, assim, outras possibilidades de pensar e de compreender como nos constituímos através de relações de saber e poder. (STEFANES, 2019, p. 37)

O tema da sexualidade nos PCN's é demarcado como um Tema Transversal a abordagem de relações de gênero e sexualidade, além questões ligadas ao corpo humano na área das ciências

[...] inclui a comparação entre os principais órgãos e funções do aparelho reprodutor masculino e feminino, relacionando seu amadurecimento às mudanças no corpo e no comportamento de meninos e meninas durante a puberdade e respeitando as diferenças individuais. Dessa forma, o estudo do corpo humano não se restringe à dimensão biológica, mas coloca esse conhecimento a serviço da compreensão da diferença de gênero (conteúdo de Orientação Sexual) e do respeito à diferença (conteúdo de Ética). (BRASIL, 1998. p. 27).

Ao adentrar os Temas Transversais, no PPP da Escola de Educação Básica Dr. Francisco Izabel, consta o seguinte:

A educação para a cidadania requer que as questões sociais sejam apresentadas para a aprendizagem e reflexão dos alunos, buscando um tratamento didático que complete sua complexidade e sua dinâmica, dando-lhes a mesma importância das áreas convencionais, porém sendo trabalhados integrados aos conteúdos do currículo, proporcionando flexibilidade e abertura, uma vez que os temas podem ser contextualizados de acordo com as diversidades de cada disciplina. (PPP, 2019).

As questões que envolvem a sexualidade e as relações sociais de gênero estão presentes em todos os espaços e com todas as pessoas, sendo, portanto, uma temática que faz parte da realidade e da vida de todos/as, nessa comunidade e na vida em sociedade, mesmo que não seja percebida ou debatida.

Pode-se dizer que a temática do gênero faz parte dessas questões sociais e perpassa diversas disciplinas da educação escolar, sendo trabalhado através da transversalidade e da interdisciplinaridade ou não. Pois até mesmo por uma visão de educação compartimentada em disciplinas específicas, ela deveria ser trabalhada em ciências e biologia e, por vezes, nem isso acontece.

Os PCNs sugerem como temas transversais aquelas temáticas que correspondem a questões importantes e urgentes em relação a vida cotidiana, sendo eles: Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual e Temas Locais. E, a partir disso, conforme é apontado no PPP,

A interdisciplinaridade questiona a visão compartimentada da realidade sobre a qual a escrita se constituiu, mas trabalha ainda considerando as disciplinas, a transversalidade diz respeito à compreensão dos diferentes objetos de conhecimento, possibilitando a referência a sistemas construídos na realidade dos alunos. (PPP, 2019).

O tema transversal da Orientação Sexual é mencionado brevemente no PPP, onde são descritos conteúdos a serem trabalhados a partir disso “corpo matriz da sexualidade, relações de gênero, prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, AIDS”. Ao contrário de outros temas, como o do meio ambiente por exemplo que, é claro, tem toda sua importância, mas tem uma lista de conteúdos muito mais extensa.

Sexualidade é muito mais que ter um corpo apto para procriar e apresentar desejos sexuais, pressupõe intimidade, afeto, emoções, sentimentos e bem-estar pessoal decorrentes, inclusive, da história e da vida de cada um/uma, independente do sexo biológico de cada um/a.

Sendo assim, a reprodução e a sexualidade, como conceitos com significados distintos, são processos que se expressam graças a órgãos específicos e, por isso, têm uma relação muito próxima (e que pode caminhar junto, ou não), mas não representam as mesmas coisas.

2.2. Educação Sexual, não sexista e Feminista

A educação da forma como é proposta por essa pesquisa segue uma linha não sexista e feminista. Indo ao encontro da realidade dos/das estudantes e das questões apresentadas por eles/as. Demonstrando a urgência e a necessidade de que o debate ocorra, visando a promoção da emancipação humana. Pela informação e conhecimento verdadeiros, mas também pela empatia e pela afetividade, visto que, a própria sexualidade também perpassa essas questões.

A autora Hooks (1989) indica que

a educação feminista - a aula feminista - é e deve ser um espaço marcado por um sentido de luta, no qual há reconhecimento visível da união entre teoria e prática e se trabalha conjuntamente, como professoras/es, alunas/es, para ultrapassar o estranhamento e alienação que vem se tornando norma na universidade contemporânea. (HOOKS, 1989, p. 51).

As práticas através dessa perspectiva visam a emancipação, libertação, acesso a conhecimento de meninos, meninas e todas as pessoas da sociedade em diferentes idades, em suas diversas realidades e particularidades. E como é o caso aqui, a emancipação para a sexualidade, para a vivência da sexualidade de forma plena, ligada à educação e a escola, mas tendo como responsáveis outras estruturas da sociedade, como a igreja e a família.

Uma educação não sexista deve suprimir comentários e até atitudes de docentes que reforcem estereótipos de gênero, que tem desdobramentos distintos na vida das diferentes crianças e jovens.

Segundo descreve Sanderberg,

No particular, essa “busca educativa” se baseia no reconhecimento de que romper com as amarras dos condicionamentos de gênero e, em especial, com a subordinação, não é um conhecimento que se transmite. Trata-se, ao invés, de um processo que se constrói tanto como crescimento pessoal como coletivo e que não é linear nem homogêneo e sim cheio de incertezas e contradições. Nessa perspectiva, portanto, a capacitação em gênero não pode se basear em uma proposta educativa voltada apenas para o repasse de conteúdos ou práticas. (2011, p.21)

As ações precisam ir além de simplesmente apresentar alguns slides em uma hora de palestra, não é um tema que simplesmente se joga ou transmite aos/as estudantes. É necessário que sejam repensadas algumas práticas - que também podem ser opressoras ou violentas - planejando uma outra forma de se promover essas discussões e reflexões no espaço escolar ou da sala de aula. Trata-se, portanto, de compreender que a educação para as questões de gênero é contínua e permanente. Um slide ou uma palestra contribui muito para a discussão, tal como as oficinas realizadas nesta pesquisa-ação. Contudo, este trabalho reforça a importância de compreender esta discussão como um processo que deve ser construído pela escola e pela sociedade como um todo ao longo da vida e da formação dos seres-humanos.

Paralelamente, também é importante perceber a estreita relação de toda a discussão feita anteriormente com o Feminismo. Pois esta pesquisa é feita a partir desses óculos, por assim dizer, enxergamos e pensamos gênero e sexualidade para o bem-estar e equidade de todos/as, tal como é objetivo do feminismo.

Entretanto, de modo geral, as famílias têm visto o feminismo quase como um monstro. Com o qual precisam lutar e seus/suas filhos/as precisam se manter afastados. Como se o único ideal feminista fosse destruir a “família tradicional brasileira”⁶.

No entanto, o feminismo promove a identificação das mulheres com outras questões para além da vida nos moldes tradicionais e do cuidado (casar, cuidar da casa e dos filhos, ser submissa), proporcionando espaço de debate e luta em

⁶ Termo usado para designar a imagem da família em moldes tradicionais e com papéis definidos pela divisão sexual do trabalho Homem/pai, mulher/mãe e filhos, apenas. Não incluindo outras formas de compor famílias e as suas múltiplas maneiras de se organizar.

diversos contextos, é de se causar certo medo naqueles que, historicamente são privilegiados por essa relação de dominação - os homens.

Para além disso, a relação com o feminismo no debate de gênero permite que se desconstruam relações de opressão, que se apresentem informações, que se possibilite liberdade, no sentido de se libertar de amarras e de violências, tendo autonomia sobre seus corpos e vidas.

A forma como mantemos as relações de gênero e, portanto, de poder, influencia significativamente como serão as vidas de meninas e mulheres, sobretudo no que se refere a vida social, pessoal e profissional. Onde vozes e vezes não existem, pois não há espaço para que as façam ou percebam. Onde seus corpos pertencem a outros, que tem o poder de decidir, através de violência em suas diversas formas, como serão suas vidas, pois não lhes é oferecido o espaço de percepção sobre tudo isso, sobre o efeito disso em suas vidas e histórias.

Outras questões atuam sobre as relações de poder conduzindo a vida das mulheres, conforme apontam Machado e Gil,

A ingerência do patriarcado, através da regulamentação do corpo das mulheres, da sua autonomia em relação aos direitos sexuais e reprodutivos é mediada pela relação com o Estado, que, por sua vez é comandado pelo capital. (MACHADO e GIL, 2016, p. 119)

O vínculo com o feminismo⁷ é parte indispensável desta pesquisa, para que sejam percebidas opressões e violências do modelo educacional de sexualidade vigentes, conduzindo uma crítica em relação aos padrões dominantes pelos quais se mantém a sociedade, as relações sociais e sexuais, da forma como se produz e se socializa conhecimentos e práticas. Pois, as perspectivas emancipatória e feminista propõem a libertação das mulheres, mas sobretudo uma educação emancipatória para todas as pessoas.

⁷ Importante destacar que feminismo aqui é entendido como um histórico movimento político e social de defesa dos direitos das mulheres, por uma sociedade que busca igualdade entre homens e mulheres, bem como entre os sujeitos LGBTQI+. Sabe-se que existe uma série de discussões teóricas que abordam a questão dos distintos feminismos existentes historicamente, em seus mais variados sentidos e diferenças. Contudo, não sendo este o foco deste trabalho, os feminismos não serão aprofundados aqui. Importa-nos compreender o olhar político presente na perspectiva feminista para as relações de gênero e sexualidade, buscando uma sociedade igualitária para todas e todos os seres-humanos.

Por fim, é importante também relacionar tudo isso através da Interseccionalidade de classe, raça e gênero, pensando como o ser mulher e as diversas formas de opressões e discriminações, podem atuar conjuntamente, mantendo relações de poder, desigualdade e violência. Segundo descreve Crenshaw (2004),

Gosto de começar mencionando que a interseccionalidade pode servir de ponte entre diversas instituições e eventos e entre questões de gênero e de raça nos discursos acerca dos direitos humanos – uma vez que parte do projeto da interseccionalidade visa incluir questões raciais nos debates sobre gênero e direitos humanos e incluir questões de gênero nos debates sobre raça e direitos humanos. Ele procura também desenvolver uma maior proximidade entre diversas instituições. (CRENSHAW, 2004, p. 8)

Dessa forma, ao adentrar o espaço escolar e realizar ações ou debates que se relacionem às questões de gênero é importante que a percepção sobre isso esteja alinhada às ações e à perspectiva feminista. Pois, ao falar em emancipação, é necessário que a façamos de forma integral, percebendo os/as sujeitos/as em suas diversas formas e dores.

Por isso a importância da ligação desta pesquisa ao Projeto “Práticas Sociais em Educação do Campo: Intersecções de Classe, Raça e Gênero na Pesquisa e na Ação”, descrito a seguir. O qual visa ações nos diversos espaços, através dessa percepção.

2.3 Projeto Práticas Sociais em Educação do Campo: Intersecções de Classe, Raça e Gênero na Pesquisa e na Ação

O projeto de pesquisa e extensão é realizado junto à Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) pela Universidade Federal de Santa Catarina, desenvolvido entre março e dezembro de 2019, pela pesquisadora deste trabalho, além da bolsista Fabiana Souza⁸, tendo como coordenadora a professora Carolina Chermem⁹, que também é orientadora deste trabalho.

⁸ Fabiana Cordeiro dos Santos de Souza - Estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) faabe.souza@gmail.com.

⁹ Carolina Orquiza Chermem - Professora do curso de Licenciatura em Educação do Campo - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), carolina.chermem@ufsc.br.

Ele atua através de ações desenvolvidas nos municípios das bolsistas, Mafra e Itaiópolis¹⁰, nas escolas e comunidades que envolve a realidade das bolsistas, no contexto da Educação do Campo. O projeto se desenvolve por meio de atividades de extensão objetivando o debate e a prática de ações vinculadas a intersecção entre as relações de gênero, classe e raça, nos diversos espaços.

Durante o ano de 2019 foram realizados encontros mensais para conversas e formação através de leitura de textos e livros, com as bolsistas, a coordenadora e outras pessoas que participavam de forma voluntária, contribuindo com os debates e formações, perpassando as diversas temáticas relacionadas a gênero, agroecologia e a vida da mulher no campo, abrangendo também a questão da violência.

Além disso, foram desenvolvidas atividades nas escolas dos municípios, trabalhando temas como agroecologia (vinculado ao TCC da bolsista Fabiana), violência contra mulheres e meninas nesses locais e formas de denúncia. Além de promover reflexões sobre as relações sociais de gênero em sociedade e nos diferentes espaços, na escola e para além dela. Bem como, demonstrar a importância da percepção sobre as diversidades encontradas no espaço escolar.

Para contextualizar, a seguir algumas imagens das ações desenvolvidas pelas bolsistas neste ano:

As ações iniciaram com a formação Mulheres e Agroecologia, com a leitura de textos e debates. Posteriormente o encontro em Itaiópolis, na propriedade da Dona Marilda (AMHO¹¹), vinculado ao TCC da bolsista Fabiana.

¹⁰ Município localizado no planalto norte de Santa Catarina, a cerca de 30 km do município de Mafra, sendo este um município vizinho.

¹¹ AMHO - Associação das Mulheres das Hortas Orgânicas de Itaiópolis.

Imagem 01: Formação Mulheres e Agroecologia - Itaiópolis (SC).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Além disso, a participação na 6ª Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária (JURA), durante a abertura e na realização de mesas, cine debate, místicas, entre outras ações.

Imagem 02: 6ª Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária - Florianópolis (SC).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Imagem 03: 6ª Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária. Mesa Violência Contra a Mulher do Campo: O que isso tem a ver com a Reforma Agrária? - Florianópolis (SC).



Fonte: CALECAMPO¹² - UFSC.

Imagem 04: 6ª Jornada Universitária em Defesa da Reforma Agrária. Cine debate- Documentário: “Sozinhas” - violência contra as mulheres que vivem no campo. - Florianópolis (SC).



Fonte: CALECAMPO - UFSC.

No mês de setembro as bolsistas participaram de 18ª Jornada da Agroecologia, na cidade de Curitiba - PR, para apresentar as ações desenvolvidas junto ao projeto e a universidade pública. Foi apresentado um varal com as fotos das diversas ações, na rua, junto ao povo.

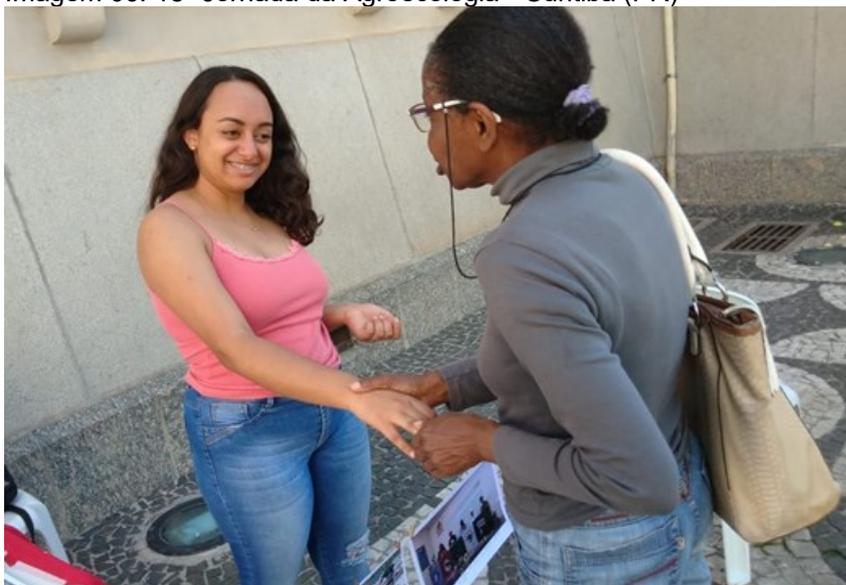
¹² CALECAMPO - Centro Acadêmico de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

Imagem 05: 18ª Jornada da Agroecologia. Varal com as ações do projeto - Curitiba (PR)



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Imagem 06: 18ª Jornada da Agroecologia - Curitiba (PR)



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Paralelamente, também vinculamos ao Coletivo Feminista Marielle Franco¹³, o qual também foi apresentado durante as ações. Principalmente pela #MulheresQueInspiram, uma ação do coletivo, onde semanalmente eram contadas

¹³ Coletivo Feminista criado pelas estudantes e professoras do curso de Licenciatura em Educação do Campo - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no ano de 2018. Com integrantes de diversos municípios de Santa Catarina. Em homenagem a vereadora Marielle Franco, assassinada em 2018.

histórias inspiradoras de mulheres da nossa região, que foi repassada aos/as estudantes nas escolas.

Imagem 07: Coletivo Feminista Marielle Franco



Fonte: Coletivo Feminista Marielle Franco.

Ao debater essas questões, estamos também falando sobre essa pesquisa propriamente dita. Visto que, através dessas ações foi possível perceber e ouvir diferentes visões e experiências dos jovens nas escolas, nas ruas, a respeito dos diversos temas que gênero abrange, vinculado também a agroecologia e a vida da mulher no campo. Contribuindo para que essa pesquisa fluísse.

O projeto esteve todo o tempo vinculado a pesquisa de TCC, sendo vital para o contato com a escola e para que as ações se concretizasse coletivamente. Cumprindo o papel da universidade: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

3. CAPÍTULO 2: A PRÁTICA: PESQUISA COM AÇÃO NA REALIDADE

“Você tem que agir como se fosse possível transformar radicalmente o mundo. E você tem que fazer isso o tempo todo.” (Angela Davis)

Este capítulo se dedica a apresentar o resultado das ações desenvolvidas com os/as estudantes das turmas do ensino médio da Escola de Educação Básica Dr. Francisco Izabel, seus resultados e reflexões, respondendo assim ao principal objetivo desta pesquisa-ação: apresentar o processo e o resultado da análise de uma ação prática na escola, na qual se discutiu gênero e sexualidade.

Como já dito anteriormente, a direção demonstrou interesse em relação ao tema e as ações propostas, sendo possível perceber essa preocupação na fala da diretora, da coordenação e das demais professoras envolvidas no processo. Além de ver, mesmo que brevemente, que o tema constava no PPP da escola, então de alguma forma estávamos respaldadas para o desenvolvimento da investigação.

Tudo foi debatido e visto com cuidado e atenção antes de chegar à sala de aula com os/as estudantes. Tomando cuidado para que nada soasse como imposição para eles/elas, que tivessem espaço e liberdade na participação. Visto que, a pesquisa só se efetivaria através deles/as.

Todas as atividades foram pensadas e planejadas coletivamente com a direção, coordenação e algumas professoras. Nos momentos de planejamento a pesquisadora levava materiais e uma construção prévia de temáticas para os encontros. Todas decidiam juntas, portanto, o que seria trabalhado com as turmas em cada temática, discutindo o que poderia ou não ser abordado com os/as estudantes nas oficinas. Cabe ressaltar que este processo inicial proporcionou o primeiro resultado da principal hipótese da pesquisa: o de identificar a necessidade e a importância de se discutir as questões de gênero e sexualidade na escola.

Sendo assim, a partir das demandas apresentadas e dialogadas, as ações foram desenvolvidas separadamente nas turmas 1º, 2º e 3º anos, sendo dois encontros para cada uma das turmas, com as mesmas temáticas, vídeos e

materiais, através dos sete blocos já citados anteriormente. Foram desenvolvidos seis encontros, sendo dois com cada uma das turmas. De acordo com a disponibilidade de horários e aulas da escola. Todo este planejamento também representa resultados desta pesquisa com ação na realidade.

Para o primeiro encontro, foram estipuladas 2 horas de atividades e discussão para os seis primeiros blocos (Gênero. Gênero e Sexo / Sexualidade; Ideologia de Gênero? O debate atual; Identidade de Gênero e Orientação Sexual; Os diferentes papéis de gênero; Trabalho Produtivo X Trabalho Reprodutivo; e A mulher no mundo do trabalho). Sendo 1º, 2º e 3º anos, totalizamos seis horas de atividades na primeira parte.

Para o segundo encontro, planejamos o fechamento das atividades, para lembrar e discutir questões do encontro passado. Além de discutir o último dos blocos de trabalho (As diferentes abordagens da Educação Sexual e de Gênero) que teve como referência as abordagens apresentadas por Furlani em seu livro “Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças”.

A escola demonstra através das falas com a direção, professores/as e funcionários uma preocupação com o tema, além de (como já mencionado neste texto) estar descrito no PPP da escola o compromisso e a prática do ensino em relação ao tema transversal da Orientação Sexual pelos PCN. Entretanto, quando entramos em sala de aula, ao perguntar aos/as estudantes se já ouviram falar ou debateram sobre isso ouvimos: “acho importante professora, mas não é trabalhado nem em casa nem aqui na escola”. Como já mencionado anteriormente através da autora Furlani (2011), esta fala mais uma vez nos indica a necessidade do tema, que muitas vezes não é feito na escola por não terem profissionais formados para realizar a discussão, ou também pelo medo e receio de abordar a temática e entrar em conflito com as famílias.

[...] tem sido notório e desanimador a constatação da ineficiência dos processos educacionais, sobretudo quando o produto a ser observado e a mudança nas atitudes pessoais que levem a decisão pela vivência de uma sexualidade segura, igualitária entre os gêneros, responsável em relação ao futuro pessoal. (FURLANI, 2011, p. 131)

Existe uma contradição entre aquilo que é descrito em documento - o PPP - e a prática educativa desenvolvida na escola, que, por vezes não garante a liberdade e a vivência dos/das estudantes em relação a sexualidade, nem tampouco a informação necessária para temas presentes nos livros didáticos, como a reflexão sobre gravidez na adolescência, divisão de tarefas e emancipação feminina, doenças sexualmente transmissíveis, etc. Nota-se uma lacuna na educação ao não adotar práticas metodológicas capazes de possibilitar a reflexão, a discussão e sanar as dúvidas dos jovens em relação a essas temáticas com todos/as sujeitos/as do contexto escolar.

Os tópicos que correm a seguir demonstram o debate realizado com a direção, coordenação e professoras, bem como os/as estudantes das três turmas nas oficinas desenvolvidas no decorrer do ano de 2019.

Já na entrada na sala de aula para as ações com a primeira turma uma frustração, que se repetiu também com as outras: não poder organizar a sala de outra maneira que não fosse o modo tradicional com os estudantes enfileirados, pela quantidade de pessoas e o tamanho das salas. O modo como pensamos a organização da sala, em círculo, seria importante para proporcionar o diálogo mais próximo entre educadoras e educandos/as, o que para nós era relevante quando essas atividades foram pensadas. Tal imprevisto também aponta um resultado importante para a pesquisa-ação, já que nem sempre é possível encontrar na prática a mesma imagem planejada. Saber lidar com os imprevistos, por sua vez, é um resultado significativo desta forma de fazer pesquisa, já que os imprevistos são aprendizagens para a prática educadora.

Somente agora, escrevendo e relatando as ações que, individualmente, refleti sobre algumas coisas que discutimos no curso, em uma das primeiras disciplinas de Saberes e Fazeres, com a professora Néli¹⁴. O formato da sala (mesmo que importante), o livro já antigo e usado não significam que as nossas práticas não possam ocorrer de forma diferenciada e promover emancipação. Por isso é importante que tenhamos cuidado ao criticar a prática que não conhecemos.

¹⁴ Néli Suzana Quadros Britto - Educadora do curso de Licenciatura em Educação do Campo - Universidade Federal de Santa Catarina.

Adentrar a escola debatendo com os/as estudantes temas envolvendo as relações de gênero e sexualidade já é um passo enorme rumo a emancipação. Pensando em todo o cuidado com os materiais e os debates das oficinas (que foram feitos coletivamente). Mesmo que a sala não tenha sido formatada de uma forma diferente, as nossas práticas estavam planejadas visando proporcionar reflexões críticas e pedagógicas.

Imagem 08: Ação - 2º ano. EBB. Dr. Francisco Izabel - Mafra (SC).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Imagem 09: Ação - 1º ano. EEB. Francisco Izabel - Mafra (SC).



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

É importante perceber como as discussões se dão de formas diferentes nas três turmas e que mesmo vivenciando o mesmo contexto as questões apresentadas e o rumo que as atividades tomam é diferenciado e rico.

Antes do início das ações, ao conversar com a direção, coordenação e algumas professoras, o que se ouvia em relação às três turmas do Ensino Médio era “o 1º ano não participa em nada, não vai contribuir com você”, “o 2º ano até participa, mas é bem agitado” e “o 3º ano é a melhor turma, a mais participativa”. Por isso, já se entra na escola com certas expectativas construídas para as turmas.

Entretanto, o que se pôde perceber durante as ações foram resultados completamente diferentes. A turma considerada a “melhor” pelo olhar escolar tradicional foi a que menos interagiu, no sentido de debater e apresentar ideias durante as ações e discussões. Acontecendo o contrário com a turma que diziam ser a menos participativa, já que foi a turma que mais apresentou questões e debateu. A verdade é que essa foi a turma mais desafiadora, mais questionadora e crítica e, talvez por isso, ela seja vista como ruim ao se fazer educação em moldes mais tradicionais de ensino.

3.1. Planejamento

Como já mencionado, as etapas das ações foram divididas em blocos. Dentro de cada um deles eram discutidas questões específicas organizadas com as seguintes propostas:

- **Gênero e Sexo / Sexualidade:** ouvir dos/das estudantes suas ideias em relação a cada um dos termos, demonstrar teoricamente a diferença entre eles, ampliar a discussão com outras questões ou dúvidas apresentadas.

Durante a realização das ações os/as estudantes apresentaram uma visão que não aponta o termo “gênero” como uma construção social, entendendo que se trata de sexo e, quando questionados/das sobre a diferença entre os termos “gênero e sexo”, por vezes relacionavam ao ato sexual somente.

“É o ato” em tom de piada, responde um/uma deles/as. Após a explicação e o debate mais aprofundado com todos/as eles/as, é possível perceber que a maioria

nunca havia tido acesso a discussões em relação a isso, e isso explica as visões, pelo desconhecimento.

Imagem 10: Slide utilizado nas ações.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Imagem 11: Slide utilizado nas ações.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Imagem 12: Slide utilizado nas ações.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Após a discussão realizada foi possível que os estudantes compreendessem que sexo faz parte da biologia que compõem cada ser humano, enquanto o gênero corresponde há uma construção social que define papéis de homens e mulheres na sociedade. Sendo uma construção social é possível que estes papéis sejam repensados, acordados e reformulados.

- Ideologia de Gênero? O debate atual: questionar se eles conheciam este termo e de que forma, discutindo com eles a respeito; apresentar o vídeo “O QUE É

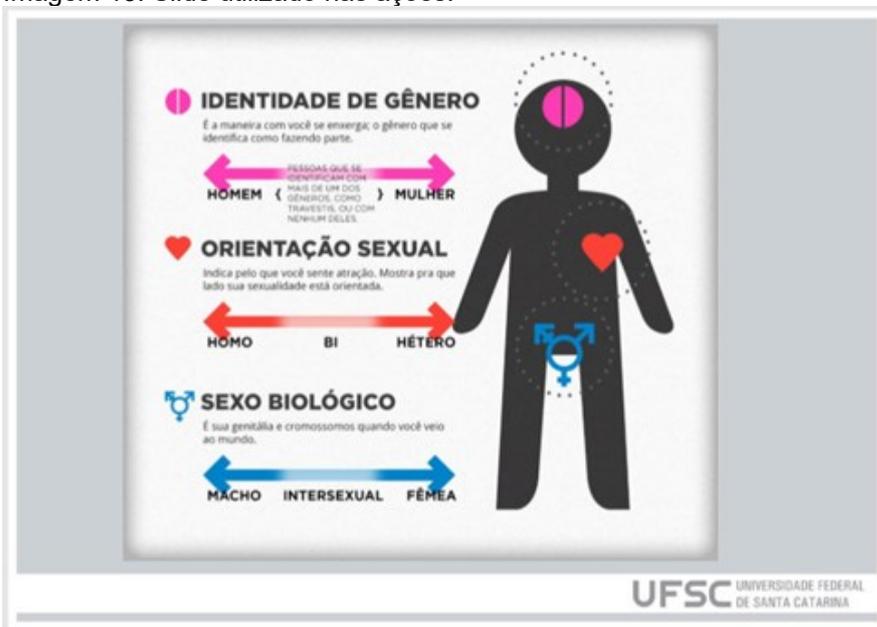
"IDEOLOGIA DE GÊNERO"? | DESENHANDO"¹⁵. Por fim, ampliar as discussões através de novas questões apresentadas ou percebidas pelo vídeo.

- **Identidade de Gênero e Orientação Sexual:** discutir com os/as estudantes a diferença entre os termos, demonstrando exemplos, debatendo sobre as implicações dessas questões na vida em sociedade.

Cada turma se expressa de diferentes maneiras quando são abordadas essas questões. Em uma reação imediata é a piada em relação às orientações sexuais, desconfortavelmente apresentando exemplos de colegas. Questão essa que pode ser aproveitada para debater, com cuidado e empatia, mas demonstrando que podemos e devemos tratar as diversidades de forma natural e que é completamente normal que convivamos com esses/essas diferentes sujeitos/as no contexto escolar.

Em outra turma surgiram dúvidas, participação e identificação em relação ao debate (que será melhor explicitado posteriormente ao longo do trabalho) e, na última turma não houve muitas reações, mas bastante atenção às discussões.

Imagem 13: Slide utilizado nas ações.



Fontes: Arquivo da pessoal da autora.

Imagem: <https://www.falafreud.com/blog/terapia/identidade-de-genero-e-orientacao-sexual/>

¹⁵ O QUE É "IDEOLOGIA DE GÊNERO"? | DESENHANDO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2zjP28XpkSE&t=8s>

- **Os diferentes papéis de gênero:** quais são os papéis de gênero existentes, como isso atua em nossas vidas, o que é ser homem e ser mulher, a sexualização dos corpos e os reflexos no mundo do trabalho.

Discutimos através do vídeo “O Desafio da Igualdade”¹⁶ a diferença da vida de meninos e meninas, desde o ventre materno que depois se reflete nas vidas: a roupa rosa/azul, o quarto, os brinquedos, as brincadeiras, as responsabilidades, o amadurecimento - já que as pessoas no geral acreditam que as mulheres amadurecem mais cedo. O objetivo aqui era o de problematizar essas representações sociais revelando com os estudantes as consequências destas representações na formação dos meninos e das meninas.

“Não tem nada a ver, o que acontece é que responsabilizam a gente (meninas) por tudo e a gente se obrigar a agir de forma mais madura” diz uma das meninas nas ações, o que de fato acontece, somos responsabilizadas por nossas posturas, o cuidado com a família, entretanto

“Mas se eu engravidar fica toda a responsabilidade pra mim, o pai da criança não vai sofrer igual eu professora, porque eu sou mulher, então acham que eu sou a responsável por ter feito sexo sem me proteger direito e agora também por cuidar da criança.” (Fala de uma das estudantes durante as ações).

Como se percebe nesta fala, essa responsabilização aparece em diferentes situações, conforme já discutido em outros momentos, tornam-nos responsáveis pela postura, pelo cuidado com as relações, pelas relações sexuais (quando sem proteção), pela gravidez, pelo cuidado com os/as filhos/as e com a casa.

Além disso, os personagens do vídeo são irmãos gêmeos, um menino e uma menina, Ana a personagem mulher precisa limpar a casa enquanto o irmão descansa, se arrumar e estar sempre bonita enquanto ele só precisa ser bem sucedido. Demonstrando como se dão esses papéis de gênero, mesmo que no espaço da nossa casa.

¹⁶ O Desafio da Igualdade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=04u0UHEq2f4>

Imagem 14: Slide utilizado nas ações.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

- **Trabalho Produtivo X Trabalho Reprodutivo:** a diferença entre os dois e as implicações disso nas vidas dos/das diferentes sujeitos/as.

“Reprodutivo seria aquilo que a gente faz todo dia, que se reproduz sempre.. tipo lavar a louça professora, a gente tem que fazer todo dia. O produtivo agora que a gente olha na imagem deve ser o que tem renda” (Fala de um/uma dos/das estudantes na ação).

Esse bloco se conecta com o bloco a seguir, em que tratamos sobre a presença das mulheres no mercado de trabalho. Em que por meio do trabalho de reprodução da vida entendemos que a mulher é responsável pelo trabalho de cuidar da casa e dos/as filhos/as “Ah professora, mas então é reprodutivo também no sentido de manter a reprodução, né? Nunca pensei nisso” aponta uma das estudantes.

Já o trabalho produtivo é aquele que gera renda para prover a família na sociedade capitalista, visto sendo associado ao trabalho e ao papel masculino. Embora este trabalho produtivo também caiba às mulheres, o trabalho reprodutivo e de cuidado é predominantemente associado apenas às mulheres.

Imagem 15: Slide utilizado nas ações.



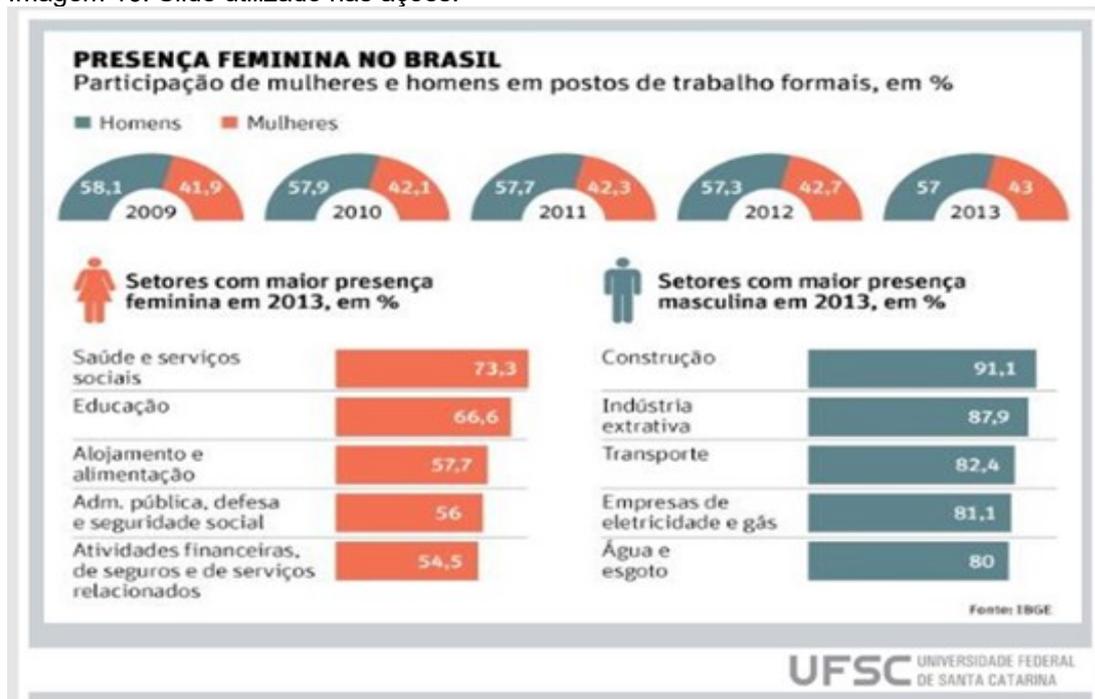
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

- **A mulher no mundo do trabalho:** apresentação e problematização da participação de homens e mulheres em postos de trabalhos formais, onde é possível perceber as mulheres em trabalhos “mais delicados”.

Algumas falas: “Eles acham que a gente não consegue fazer”, “mas é claro não vai carregar saco de cimento, não tem a mesma força”. É possível perceber que a ideia da divisão sexual do trabalho ainda é fortemente reproduzida “ainda mais nessa nossa cidade pequena professora, se eu faço um serviço desse vão dizer que eu sou ‘hominho’.”

Como discutido com eles/elas, nós mesmos somos os responsáveis por manter essas ideias, como a mulher mais frágil e o homem mais forte, que reflete em nossas vidas, profissões e salários, dependendo de uma luta nossa, principalmente da geração deles/delas, que irão para o mundo do trabalho enfrentando tudo isso futuramente, conforme afirma uma das meninas “eu quero fazer e trabalhar no que eu quiser”. Contudo, tal como explicitado teoricamente no primeiro capítulo deste trabalho, tais questões perpassam os desejos individuais e se localizam na estrutura social. Exatamente por isso faz-se necessário a conscientização destas questões para que as mudanças sociais sejam possíveis.

Imagem 16: Slide utilizado nas ações.



Fontes: Arquivo pessoal da autora.

Imagem: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/06/1642780-presenca-de-mulheres-no-mercado-de-trabalho-avanca-pouco-e-chega-a-43.shtml>

- **As diferentes abordagens da Educação Sexual e de Gênero:** essa discussão se faz através do livro de Furlani (2011), apresentando e debatendo com os estudantes as diferentes abordagens.

1. Abordagem biológico-higienista; 2. Abordagem moral-tradicionista; 3. Abordagem terapêutica; 4. Abordagem religioso-radical; 5. Abordagem dos direitos humanos; 6. Abordagem dos direitos sexuais; 7. Abordagem Emancipatória e; 8. Abordagem *Queer*.

Tal discussão foi importante para que os/as estudantes percebessem as relações de gênero através de diferentes olhares e abordagens, de acordo com o debate realizado e suas próprias crenças, que podem ser contempladas através dessas abordagens.

Um exemplo é o caso da Abordagem Terapêutica, já descrita anteriormente, em que se buscam explicações para as vivências anormais da sexualidade e acredita-se na chamada “cura gay”. Questão essa debatida com os/as estudantes: “existe cura gay?”, a resposta imediata da maioria dos/das estudantes era um

sonoro “NÃO!”, mas na última turma destoou-se um “ah professora, tem que existir, né?”. Os/as próprios/as colegas chamaram a atenção dele e debateram sobre o tema “não existe cura porque não é doença”.

Mais uma vez demonstra que o processo de discussão desses temas em sala de aula só é possível quando realizado conjuntamente, lidando com as diversas situações através da fala dos/das diferentes sujeitos/as e não só pela figura do/da professor/a.

3.2 “É informação, é uma luzinha jogada”

Esta parte é nomeada com uma frase dita pela diretora Márcia. Ao apresentar a pesquisa para os estudantes no início das ações, ela os disse o seguinte:

“Uma coisa é o que a gente acha, outra coisa é o que uma pessoa fala com embasamento teórico, visão científica, tudo isso é fruto de uma pesquisa que ela estudou muito. É informação, é uma luzinha jogada” (Fala da diretora Márcia, 2019).

Por meio do papel social da diretora, que representa um papel de poder, com autoridade, mas que inspira confiança e valor aos/as estudantes, sendo ainda uma pessoa já conhecida por eles/elas, foi possível discutir a importância da pesquisa. Essa demonstração de apoio reafirma as ações e os debates como uma forma de se fazer pesquisa científica, de se fazer educação e acessar conhecimento, que é fruto de estudo, não apenas um debate feito de qualquer forma.

Desde o primeiro momento todos/as sujeitos/as na escola se mostraram abertos a participação na pesquisa. Somente por apresentar o tema, alguns demonstravam a vontade de estar presente durante as ações: “Acompanhar pra ver se eu fico menos ignorante. Ignorante no sentido de não conhecer” – esta foi uma das falas ouvidas durante as reuniões na escola.

Antes do início das ações durante o planejamento, foi acordado que os/as professores/as teriam participações pontuais (se necessário) durante as atividades para que os/as estudantes se sentissem mais a vontade para falar sobre essa temática.

A primeira turma com a qual trabalhamos foi o 2º ano, com 29 estudantes presentes no primeiro encontro, durante duas horas. Por ser a primeira ação, ainda com a primeira turma, a insegurança e o medo eram maiores. Como a maioria dos/das professores/ havia alertado, a turma era grande, participativa e agitada, as discussões foram interessantes e caminharam de forma tranquila.

Em outro dia, foram mais duas horas, agora com 25 estudantes do 1º ano, foi a turma mais desafiadora, onde foram apresentados medos e inseguranças em relação a sexualidade e a vida em sociedade, contado histórias, apresentando questionamentos e dúvidas.

Por fim, a última turma foi o 3º ano, mais duas horas com 28 estudantes presentes. Acreditamos que de certa forma o debate foi prejudicado pela presença de duas professoras. A turma fez participações muito pontuais, permanecendo em silêncio ou conversando entre si apenas, sem ampliar as discussões propostas. Talvez seja daí que a maioria dos/das professores/as mantém a fala de que é a melhor turma para se trabalhar, pois são menos questionadores.

3.3 “Professora, fale pra gente ver o que é”

Nomeamos esse título com uma das falas mais ouvidas durante os debates. Geralmente os temas eram apresentados, eles/elas expunham suas opiniões, mas no final esperavam a nossa explicação: “professora, fale pra gente ver o que é”.

Isso de muitas formas demonstra a ideia que se tem da educação escolar, que se constrói e reproduz na prática, fazendo com que os/as estudantes aceitem que o/ professor/a é aquele que detém o conhecimento.

Mas, em contrapartida também demonstra o interesse deles/as em relação a temática querendo saber o que era. Visto que, isso geralmente não é debatido nos espaços nos quais eles têm acesso, sobretudo com embasamento teórico e científico. Por isso talvez a vontade de ouvir e conhecer essas diferentes questões, para além do que conversam com os colegas ou acessam pela internet.

É visível a surpresa deles/as ao ser apresentado o tema que irá ser trabalhado, ficam agitados, comentam e demonstram certo nervosismo. Já na

primeira turma, apenas ao falar a temática um dos estudantes no fundo exclama “Aiai...” “Aiai? Qual o problema em falar disso? O que dói” “Daqui pra baixo tudo, professora” respondeu o estudantes sinalizando para baixo do pescoço.

O 2º ano foi a turma em que apareceram mais piadas e risos em relação ao tema, que acabou entrando como tema para debate “por que reagimos assim quando se fala em gênero e sexo?”, refletindo sobre isso eles/elas mesmos/as falaram “a piada vem talvez porque seja importante demais professora e a gente reage assim, porque nunca é falado”.

Em relação às discussões específicas podemos destacar:

- **Gênero:** “Homem, mulher, masculino”, “pela visão dos meus pais e da sociedade tem preconceito por causa da transexualidade”.

- **Gênero e Sexualidade:** “Gênero é escolha”, “gênero e sexo são diferentes, mas não sei explicar professora.. fala pra gente ver o que é”.

- **Orientação sexual, identidade de gênero e sexo biológico:** “Não sei, alguma coisa”, “não penso nada” “é em relação a sexualidade” “é uma ideia”

Seguimos debatendo sobre as opiniões e visões que eles/elas tinham em relação a isso e depois, apresentamos teoricamente, através de slides e imagens, para que fosse possível visualizar e ampliar o debate, tendo como apoio também alguns materiais físicos que estavam disponíveis para eles/elas.

Com a turma do 1º ano a todo momento haviam debates mais aprofundados, onde eles/ mesmos/as traziam outras temáticas ou questões com dúvidas e demonstrando preocupação em relação a tudo isso, encarando com mais seriedade.

- **Gênero:** “Sexualidade” “Masculino e feminino” “uma divisão” “eu sou eu, você é você” “escolha” “personalidade” “opção”

Afirmando em vários momentos que não falavam sobre esse tema em casa e nem na escola, mesmo tendo curiosidade e, por vezes, apresentando dúvidas aos pais ou aos/as professores/as, dúvidas essas que eram desconsideradas ou ignoradas nesses espaços.

- **Gênero e Sexo:** “É o ato” , “não quero falar” , “amiga é pra você, você precisa disso” “Sexo é o que é definido biologicamente, gênero se você gosta de mulher ou homem ou os dois, ou como é”, “não sei o que é sexo, como vou saber, professora?”, “Masculino”, “todo mundo fala que não é a mesma coisa mas a gente nem sabe, fala aí professora ”, “Sexo como nasceu, sexualidade hetero, bi, esses negócio aí”, “Fale pra nós ver o que é”.

- Identidade de Gênero, orientação e sexo biológico

“Minha irmã foi casada 10 anos, separou, agora tá com uma mulher e nem tinha ficado com mulher antes”

O que são pessoas trans? “se transformam” se transformam, se é você em mulher, e se é mulher em homem” “é transformação pro que quiser”

Apresentando outras dúvidas, como o que são pessoas não binárias, pessoas pansexuais, usando seus próprios exemplos para demonstrar ou apresentar seus questionamentos.

Uma das meninas, que desde o começo visivelmente demonstrava inquietação com alguma coisa diz: “eu queria perguntar uma coisa, eu me apaixono por pessoas, mas não sinto vontade de beijar, e ato sexual, eu vi que é demissexual, será que é isso?”.

Nenhuma de nós presentes ali naquele momento soube esclarecer a dúvida, nos materiais não havia nada a respeito e não tínhamos acesso a internet. Combinamos então que, durante o intervalo iríamos pesquisar sobre isso e esclareceríamos a seguir, e foi o que aconteceu.

Percebe-se, portanto, que mesmo com uma formação mais ampla pelas áreas de conhecimento - Ciências da Natureza e Matemática - e esse vínculo com os debates das relações de gênero e sexualidade, muitas vezes também não estamos preparadas para responder todas as questões, sendo importante também nesse momento a construção junto com os/as estudantes, como um processo que se desenvolve coletivamente, envolvendo respeito e cuidado com o/a outro/a, visto que, essa questão era tão delicada para a formação enquanto sujeita daquela estudante, que se construiu junto a nós.

É importante analisar como essa turma se envolveu nas questões apresentadas, além de trazer outras. Sendo mais questionadores/as, falando quando não entendiam, fazendo críticas quando não concordavam, demonstrando seus medos e inseguranças. Por isso, na educação formal pode ser interpretada como uma turma ruim.

Na turma do 3º ano teve poucas falas e participações.

- **Gênero:** “masculino e feminino”

- **Gênero e Sexualidade:** “Macho e Fêmea”, “estamos com vergonha de falar”

“Ato Sexual” “sexualidade é o que a gente escolhe para nós”, “o que a gente não sabe”

- **Identidade de Gênero, orientação sexual e sexo biológico**

“a pessoa é homem daí vai querer se transformar em mulher”, “trans é transformar”.

Apenas no final, uma das estudantes pergunta “professora, isso aí vai ser trabalhado com as crianças pequenas também?”. Explicamos novamente que as ações foram pensadas somente para o público do ensino médio. E ela afirma “ah.. é que seria muito legal, né? Já desde pequeno ir discutindo, por exemplo isso aí dos papéis de gênero, ou pra entender que não tem problema se identificar de forma diferente”. Nota-se que as próprias estudantes percebem a necessidade de ampliar a informações sobre as questões de gênero desde a infância, o que não tem sido feito na escola.

Como no caso do 3º ano, esta última turma, talvez não se sentiram a vontade ou por acreditarem que o bom comportamento ou a boa turma, permanece em silêncio em muitos momentos, as ações terminaram em menos tempo, podendo adentrar as diferentes abordagens da Educação Sexual e de Gênero (Biológico-higienista; Moral-tradicional; Terapêutica; Religioso-radical; Direitos humanos; Direitos sexuais; Emancipatória, *Queer*), que seria do encontro seguinte e neste momento principalmente, apenas ficaram em silêncio e viram os slides.

Vale ressaltar que em todos os momentos, com as três turmas, tudo era discutido, apresentado teoricamente, com momentos abertos para ouvir os/as

estudantes. Mas que, de forma muito saudável, nenhuma turma é igual a outra e, portanto os debates fluem de formas diferentes, pois são sujeitos/as diferentes, mesmo que a resposta seja apenas silêncio.

3.4. “Meninos vestem azul, meninas vestem rosa”?

A questão das relações de gênero perpassa todos os momentos e debates neste trabalho e nesta ação, sobre o ser mulher e ser homem nessa sociedade e no tempo em que vivemos.

Uma parte das ações era o trabalho sobre a “Ideologia de gênero”, termo este muito usado atualmente no intuito de deslegitimar os estudos de gênero e feministas, aparecendo mais fortemente nos últimos anos pela mídia e por candidatos políticos. Ao defender aquilo que já debatemos aqui: a ideia de que “querem ensinar meu filho a ser gay”, que é totalmente equivocada e deslegitima uma luta política e científica em torno dos estudos das relações sociais de gênero e sexualidade.

Quando perguntado aos/as estudantes se já haviam ouvido falar sobre o termo, alguns/algumas responderam que já tinham visto na televisão, ou haviam visto algo rapidamente nas redes sociais, sem se aprofundar ou compreender exatamente do que se tratava.

Assistimos juntos/as ao vídeo “O que é a Ideologia de Gênero? Desenhando”, disponível no canal do Quebrando o Tabu no youtube. Nele Vítor diCastro problematiza muitas frases recorrentes na sociedade atual “Ideologia de gênero é a destruição da família”, “meninas vestem rosa, meninos vestem azul”, “Deus fez Adão e Eva, não Adão e Ivo”, falando sobre as relações de gênero, os papéis de gênero e suas construções sociais. Durante essas frases era possível ouvir os/as estudantes completando as frases ditas no vídeo.

Após o vídeo perguntamos “e aí.. meninos vestem azul e meninas vestem rosa?”, as frases ouvidas foram:

“Não, eu visto os dois”, “cada um veste o que quiser”

A partir disso debatemos sobre esses diferentes papéis de gênero e as construções sociais, alguns deles afirmando “isso aí é tudo invenção da nossa sociedade”. Demonstramos teoricamente que os estudos de gênero têm como objetivo questionar esses padrões e construções historicamente reproduzidas, que não cabe como “ideologia” pois não quer doutrinar ou dominar ninguém através de algumas ideias, pelo contrário, quer que todos/as vivam suas vidas tranquilamente sendo capazes de questionar o que lhes for apresentado.

Além disso, exemplificando “se você disser que tá grávida de menina é tudo rosa” “vai brincar de boneca”, “se é menino é tudo azul e vão dar carrinho né?”, ampliando o debate para como isso tem reflexo nas vidas deles/delas e em seus futuros e possíveis trabalhos, apresentando falas como:

“Vão trabalhar no que eles quiserem” “uma mulher não vai poder trabalhar numa obra”

“Isso vai da necessidade, eu não vou deixar minha mulher se fodendo (trabalho braçal)”

“homem e mulher é um título imposto pela sociedade, porque se for mulher e quiser trabalhar em uma construção, ou ficar em casa lavando a roupa, cuidando, pode, assim como o homem também pode cuidar da casa”

Nesses momentos era problematizado que a questão não é apenas a cor ou uma profissão específica, mas como uma ideologia patriarcal impõe um modo de ser e agir para homens e mulheres que acaba limitando a potencialidade de atuação de ambos os sexos, com maiores prejuízos para as mulheres.

Trouxeram uma das falas de Vítor durante o vídeo “o sexo biológico não determina a forma como vamos andar, falar, sentar, dançar, amar ou se relacionar”, visto através dos padrões de ser homem / ser mulher. Os estudos de gênero possibilitam a percepção em relação a isso e têm como intuito que todos/as vivam suas sexualidades de forma plena e saudável, e que, para as crianças e jovens nada seja ensinado precocemente ou tarde demais. Devendo respeitar as diversas identidades de gênero e orientações sexuais, bem como a escolha do momento certo para ter filhos e filhas, sabendo que o cuidado deve ser ampliado para ambos os responsáveis pelas crianças; além do próprio cuidado com o corpo em relação

às doenças sexualmente transmissíveis, que são pontos fundamentais presentes no PPP das escolas de modo geral.

Uma das estudantes diz: “lá em casa eu não posso falar nada professora, porque meu pai é homofóbico” e dizemos: “então precisamos achar outros espaços, outras pessoas que sejam mais acessíveis para que você fale sobre e isso”, e ela responde “tá, mas eu vou parar um estranho na rua e vou contar que sou lésbica?”.

Essa fala é muito marcante, nela vemos o retrato de uma sociedade homofóbica, lesbofóbica e violenta. Onde não nos sentimos seguros para assumir quem realmente somos nem em nossas próprias casas, que deveria ser o lugar mais seguro.

3.5 “Quando uma mulher avança, nenhum homem retrocede”

Durante os planejamentos um dos acordos fechados foi de que não entraríamos em questões específicas de feminismo ou machismo, a não ser que isso fosse apresentado pelos próprios estudantes. Pois, de acordo com a coordenação da escola isso evitaria conflitos ou embates de ideias entre eles/elas, ou mesmo com os familiares.

Ao entrarmos na primeira sala para realizar as ações nos deparamos com cartazes feitos pelos/as próprios/as estudantes, na disciplina de Sociologia, para trabalhar os movimentos sociais. É possível ver na imagem 10, a seguir, da esquerda para direita: Movimento Negro, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Movimento dos Trabalhadores, Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, Movimento Estudantil, Feminismo e LGBT.

Imagem 17: Sala de aula com os cartazes.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Isso nos trouxe certo alívio, pois isso de alguma forma demonstrava que os/as estudantes já estariam minimamente familiarizados com as questões. O que, de fato, realmente aconteceu. Ao serem apresentadas questões sobre orientação sexual e identidade de gênero relacionaram ao Movimento LGBT.

Ou no debate sobre gênero, os diferentes papéis de gênero ou os trabalhos produtivo e reprodutivo, os próprios estudantes fizeram a ponte relacionando o debate com o feminismo. Onde apareceram falas como:

“Machismo e péssimo para homossexuais e para mulheres”

“Machismo só é benefício para os homens”

“O machismo é ruim pra todo mundo, homem, mulher, LGBT...”

“O feminismo é bom para as mulheres... é bom pra todo mundo”

Em uma das turmas, ao introduzir esse debate uma das meninas aponta para um menino dizendo “você é machista porque não deixa a gente jogar bola” e recebe como resposta, em tom agressivo “fala na minha cara então, vem aqui falar que eu sou machista”. O que gerou mais discussão e a turma toda acabou se agitando, sendo necessário intervir.

As meninas sentem as dores do machismo na prática de forma muito mais perceptível, como é o exemplo de não poder jogar bola. Depois disso, discutimos o efeito do machismo na vida de todos, que privilegia os homens e meninos em inúmeras situações, mas também os reprime e os violenta de outras formas, não podendo demonstrar sentimentos ou fragilidade, por exemplo. Reafirmando a fala de uma das estudantes, citada acima: “O machismo é ruim pra todo mundo, homem, mulher, LGBT...”.

3.6 O ser pesquisadora na prática

É necessário também refletir, agora de forma mais individual, a minha atuação dentro da pesquisa, que reflete na forma como as oficinas, atividades e discussões foram feitas com os estudantes e os/as demais sujeitos/as dentro da escola durante este período.

Uma das coisas que sempre discutimos, em diversos espaços e também com os estudantes durante essa pesquisa, é em relação a ideia que se tem, como sociedade em geral, que a mulher para ser respeitada e transmitir “valor” de certa forma, ou impor respeito, precisa se portar e se vestir de uma maneira específica, e é algo que carregamos conosco, que muitas vezes reproduzimos sem perceber.

Na noite anterior ao primeiro dia no início das oficinas, com todo o nervosismo e ansiedade o que mais me preocupava e o meu pensamento mais recorrente era: “com que roupa eu vou?”.

Essa reflexão é importante, pois o meu corpo - a minha casa - representa a forma como me vejo e me mostro para o mundo em sociedade. Minha maior preocupação em relação as roupas para as ações na escola era no “ser levada a sério” “ser respeitada”, como mulher, falando sobre temas que envolvem sexo e sexualidade, o maior medo era que isso fosse usado para de alguma forma deslegitimar a potência e importância das ações.

Os corpos, roupas e comportamentos das mulheres são, em todos os espaços, sexualizados. Por isso havia o receio de que a entrada na escola com esses temas fosse encarada dessa mesma forma.

Principalmente pelo momento político em que vivemos, do ideal de “doutrinação” e de “ideologia de gênero” adentrar a escola com roupas ou comportamentos que podem ser interpretados ou vistos de forma errada, podendo abrir espaço para que isso fosse usado como argumento para barrar os debates na escola.

Essas questões também foram debatidas com os estudantes, no bloco que tratava sobre os diferentes papéis de gênero, a questão que mais gerou debate foi: “O que é ser homem? O que é ser mulher?”, onde é possível destacar algumas falas, como:

“Pelo tipo de roupa que usa, como se comporta, assim que a sociedade define, por exemplo, se você usa vestido já pensam que é mulher ou trans”.

“Um conjunto de coisas, é um pouco de tudo prof”.

“Ser um bom pai, cuidar da família, acompanhar, trilhar com os filhos. Ser uma boa mãe também. Pra mim, isso é ser homem e ser mulher”.

“Se diferencia pelo jeito de falar e se expressar”.

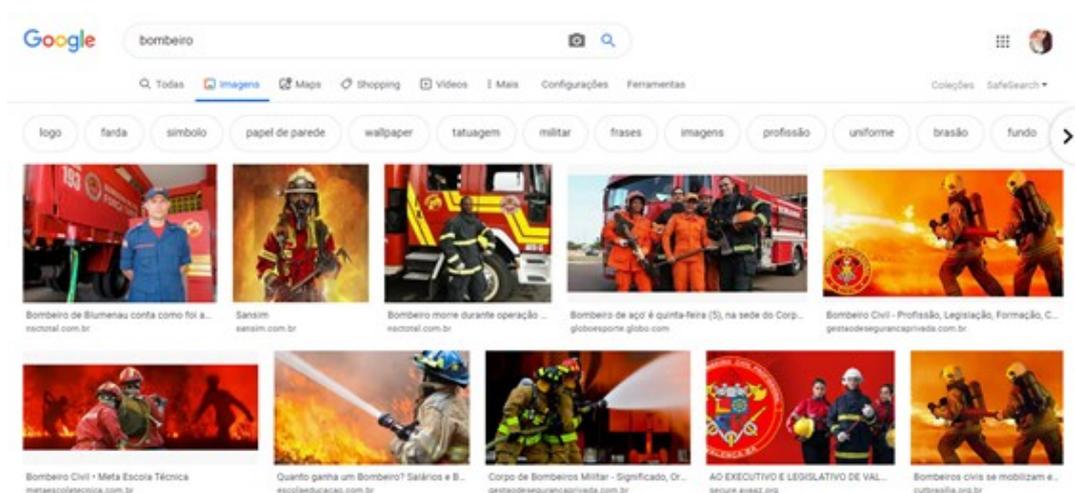
“Sexo biológico” “a preferência” “identidade” “menstruação” “eu acho machista mas tem gente que diz que é a feminilidade”.

Foi possível ouvir sobre o ser mulher: “ser louca surtada”, “ser delicada”. E sobre o ser homem: “ser homem é ser bruto, se não é viado”, “ser homem é não ser e não agir como mulher, é agir como homem”.

Visualiza-se, portanto, que são reproduzidos os pensamentos da mulher como um ser mais delicado e frágil e o homem como a pessoa forte. A partir disso, falamos do quanto esse ideal cultural do ser homem ou ser mulher tem reflexos em nossas vidas, desde as relações sociais e familiares até o trabalho.

Discutimos isso durante as ações, onde foi proposto aos/as estudantes que em outro momento fizessem uma busca rápida na internet separando profissões como bombeiro e bombeira, que difere para homem e mulher.

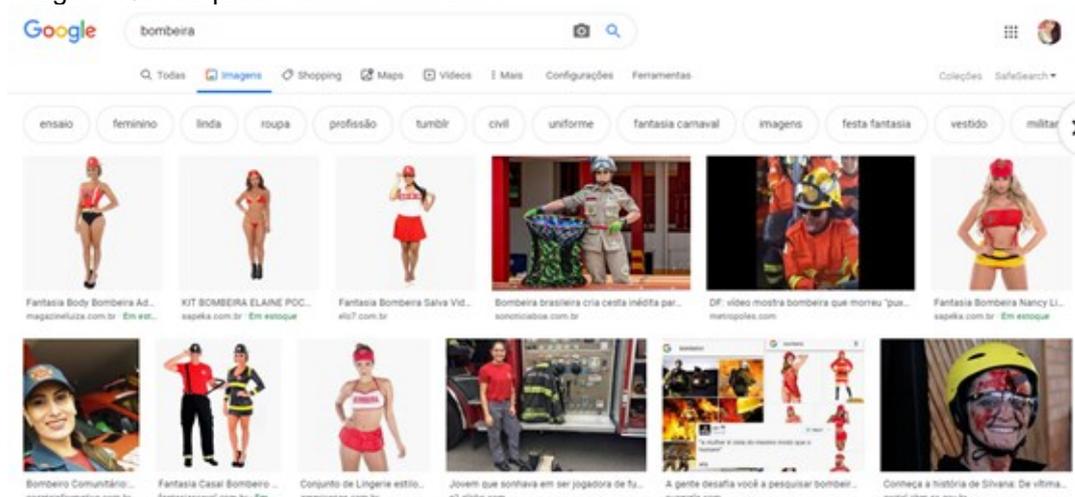
Imagem 18: Pesquisa - termo “bombeiro”.



Fonte:

Arquivo pessoal da autora. Captura de tela - google imagens.

Imagem 19: Pesquisa - termo “bombeira”.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Captura de tela - google imagens.

Alguns estudantes fizeram isso em casa e pudemos discutir no encontro seguinte. Sobre o quanto os corpos das mulheres são sexualizados, como uma profissão que seria a bombeira, é visto como uma fantasia sexual e que, por diversas vezes, como afirmou uma das estudantes “o corpo feminino só é visto pra isso, eles não entendem que esse pode ser um trabalho”. Deslegitimando também as profissões e os trabalhos das mulheres.

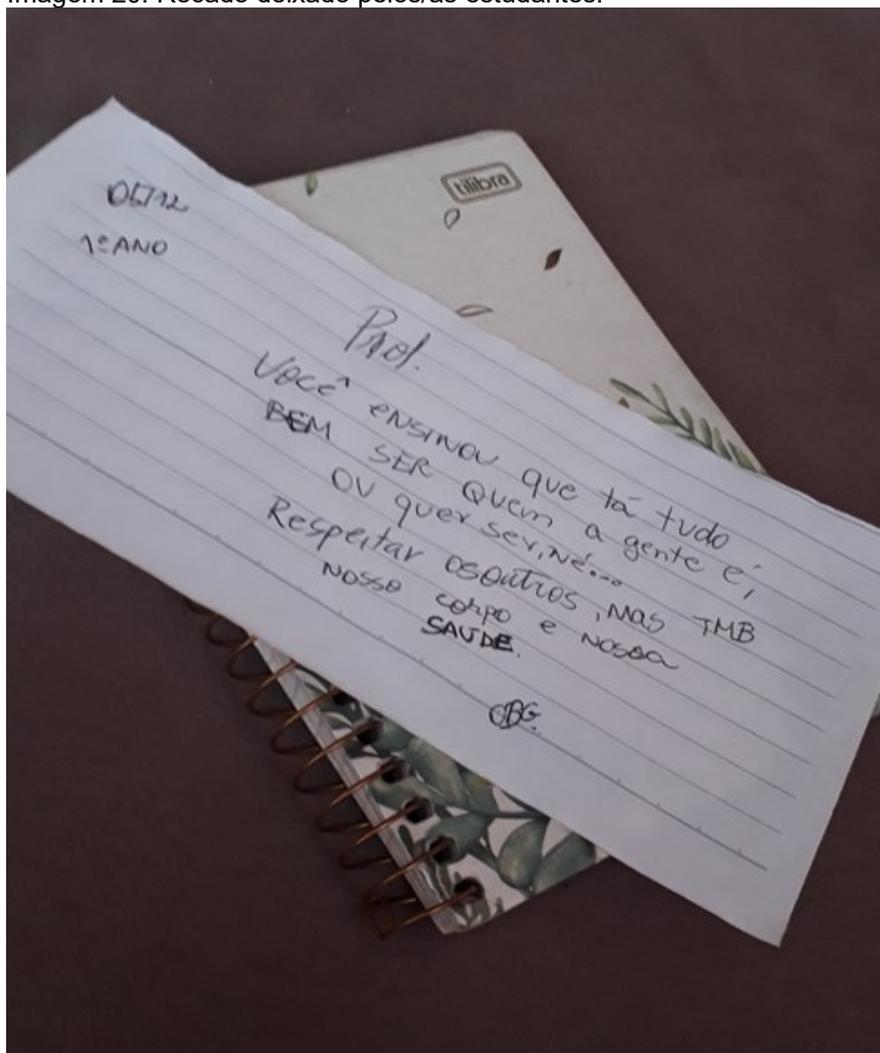
Percebendo a importância de se debater e abrir espaço para conversa com esses estudantes. Me propus a estar presente na escola em alguns dias da semana,

para que eles viessem até mim para tirar dúvidas, se por alguma razão tivessem ficado com vergonha de expor alguma questão na frente dos/das colegas.

Como resultado disso, muitos meninos e meninas me procuraram contando suas experiências, falando sobre suas vidas, famílias e relacionamentos, falando sobre os medos da vida, sobre ser jovem nesse momento. Acabamos criando um vínculo e uma aproximação que transcendeu as ações de um trabalho acadêmico e agora me dou conta de que o ser educadora deve (ou deveria) ser exatamente assim, construído a partir das realidades e feito com afetividade.

No final do ano, para concluir algumas questões que faltavam junto a direção e a coordenação os/as estudantes já não estavam mais na escola, mas deixaram com a diretora um bilhete para me entregar.

Imagem 20: Recado deixado pelos/as estudantes.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

“Prof, você ensinou que tá tudo bem ser quem a gente é ou quer ser, né... Respeitar os outros, mas tmb nosso corpo e nossa saúde. Obg”

Esse bilhete demonstra de muitas formas a concretização dos objetivos dessa pesquisa, pela valorização e respeito de ser quem se é em sua diversidade e singularidade, o cuidado consigo e com o outro, que promove na prática a emancipação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Aos esfarrapados do mundo, e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam." (Paulo Freire)

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve por objetivo apresentar o processo e o resultado da análise de ações práticas desenvolvidas na Escola de Educação Básica Dr. Francisco Izabel, no município de Mafra - SC discutindo gênero e sexualidade com os/as estudantes do ensino médio.

A pesquisa foi desenvolvida através do método de Pesquisa-Ação, objetivando a realização de ações práticas acerca da temática com os/as estudantes, iniciando um processo de emancipação e vivência plena da sexualidade em seus amplos aspectos, desconstruindo e desmistificando padrões opressivos vivenciados. Cabe destacar que nesta metodologia a própria ação representa a coleta de dados e a investigação, assim como a sua análise é o resultado dos dados obtidos de modo coletivo. A principal questão pesquisada girou em torno da importância da discussão das temáticas de gênero e sexualidade, o que, embora esteja no PPP da escola e seja uma demanda dos/das estudantes, professores e direção, não vem sendo trabalhado a partir de uma formação com base científica e que resulte em emancipação para os/as envolvidos/as.

Entendemos no decorrer deste trabalho as relações sociais de gênero e sexualidade e suas implicações nas vidas dos/das diferentes sujeitos/as na sociedade, apresentando teoricamente essas questões, bem como as visões e falas apresentadas por esses/essas sujeitos/as no contexto escolar, visto que, foi possível perceber e realizar discussões com a direção, coordenação, professores/as e estudantes da escola.

É importante destacar novamente, como já dito aqui que, todo o processo de realização da pesquisa se deu de forma coletiva dentro do espaço escolar, contando

com a participação dos/das diversos sujeitos/as no planejamento e na prática das ações, o que foi fundamental para o tipo de pesquisa que se propôs.

A receptividade e o cuidado das pessoas da escola durante a pesquisa demonstram um avanço muito grande em relação às questões de gênero e sexualidade que em muitos espaços é excluído. Entretanto, é possível perceber uma preocupação (que é normal e compreensível), demonstrando medo em trabalhar questões mais específicas da sexualidade, como o próprio sexo e os métodos contraceptivos.

Apresentamos aos/as estudantes diferentes perspectivas do debate de gênero e sexualidade e, como dito pela própria diretora, tudo é fruto de estudo e pesquisa, nada trazido ao acaso. Sendo importante mais uma vez destacar isso, pois ao adentrar o espaço escolar, a ideia que se tem geralmente, principalmente em tempos de uma ideia tão fortemente reproduzida como a Ideologia de Gênero, que é a ideia tradicional usada como argumento para deslegitimar os estudos de gênero e a educação sexual nas escolas.

Em contraposição a isso, trabalhamos através de uma perspectiva emancipatória e feminista, e o resultado pôde ser visto no decorrer deste trabalho. Destaca-se a identificação e aproximação dos/das estudantes em relação a pesquisa, de forma aberta, dialogada, humana e empática. Outro ponto importante é o fato de os/as jovens considerarem a importância destes debates desde a infância.

Discutimos na sala de aula e durante as ações a educação feminista e de gênero como um processo. Compreendendo que não é uma formação ou uma discussão numa escola que vai resolver uma questão histórica de uma sociedade que tem a ideologia patriarcal em sua estrutura social, mas a formação é o início de um processo. Este é um dos resultados principais desta pesquisa-ação: iniciar um processo de discussão e de debate rompendo com pré-conceitos e com atitudes que desrespeitam a diversidade e o ser-humano. Um slide ou uma palestra contribui muito para a discussão, tal como as oficinas realizadas nesta pesquisa-ação. Contudo, este trabalho reforça a importância de compreender esta discussão como um processo que deve ser construído pela escola e pela sociedade como um todo ao longo da vida e da formação dos seres-humanos.

Como resultado, a pesquisa identificou a necessidade e a importância de se discutir as questões de gênero e sexualidade na escola e nos diversos espaços, como a casa e a sociedade em geral.

A ligação com os/as estudantes e a forma como se sentiram a vontade, criando um vínculo para além da pesquisa, demonstra a importância de se abrir momentos de conversas mais profundas para os/as jovens, espaço este muitas vezes não encontrado em casa ou na escola.

A Licenciatura em Educação do Campo promove encontros e aproximação com os mais diversos sujeitos/as, envolvendo-nos em ações em nossas próprias realidades, dentro de nossas comunidades, iniciando processos de transformação mesmo que nesses pequenos espaços, mas que demonstra a potência desse curso.

A minha aproximação com essa temática só foi possível através desse curso e, por isso, é tão importante que adentremos os espaços das comunidades, escolas e universidades pela EduCampo e pelo ensino de ciências. Dessa forma, além da entrada na sala de aula de forma mais efetiva, também pretende-se a continuidade de pesquisas e ações, e a continuidade na universidade pela inserção futuramente no mestrado.

No processo de construção do ser educadora as ações demonstram cada vez mais a importância da vivência e da prática da Educação do Campo, na preocupação com os diferentes modos de ser e viver em sociedade. O saber lidar com as diversas questões e imprevistos em sala de aula, mas, sobretudo, compreender que o processo educacional nunca é construído individualmente, mas feito por *nós* em nossos *nós*.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

AVILA, Maria Betânia. **Direitos sexuais e reprodutivos: desafios para as políticas de saúde**. *Cad. Saúde Pública* [online]. 2003, vol.19.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>> Acesso em: 24 de novembro de 2016.

CHERFEM, Carolina Orquiza. **Consustancialidade de gênero, classe e raça no trabalho coletivo/associativo**. 273 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas; Campinas – SP; 2014.

CHERFEM, Carolina Orquiza. **Reflexões sobre o lugar do debate de gênero e raça na educação do campo**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11 & 13TH WOMEN'S WORLDS CONGRESS. 2017, Florianópolis. Anais eletrônicos. 2017. p. 1-12. Disponível em: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498943815_ARQUIVO_Texto_completo_MM_FG_CHERFEM,Carolina.pdf>. Acesso em: 17 de outubro de 2019.

CORDEIRO, Georgina N. K. ; REIS, Neila da S. ; HAGE, Salomão M. **Pedagogia da alternância e seus desafios para assegurar a formação dos sujeitos e a sustentabilidade do campo**. Em Aberto, Brasília, v. 24, n. 85, p. 115-125, abr 2011.

CORREA, Sonia. PETCHESKY, Rosalind. **Direitos sexuais e reprodutivos: uma perspectiva feminista**. Physis: Ver. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 1996.

CRENSHAW, Kimberle W. (2004). **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem.

DAVIS, Angela, 1944- *Mulheres, raça e classe* [recurso eletrônico] ; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016.

Estudos Feministas, mulheres e educação popular. / Amanda Motta Castro, Rita de Cássia Fraga Machado (orgs) – Curitiba: CRV, 2016.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula**: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (ORGs.). **Corpo gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 28-40.

HEILBORN, Maria Luiza. **Gênero, Sexualidade e Saúde**. In: **Saúde, Sexualidade e Reprodução - compartilhando responsabilidades**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1997, p. 101-110.

HOOKS, bell. **Talking back: thinking feminist, thinking black**. London: Sheba, 1989.

IBGE Cidades - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Mafra - Santa Catarina. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/mafra/panorama>>. Acesso em: 12 de novembro de 2019.

LOURO, Guacira Lopes (org). **O corpo educado: Pedagogias da Sexualidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva – 2ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MACHADO, Rita de C. F. M. ; Gil, Vanessa N. Corpos que pertencem aos outros: a luta por emancipação feminina no Brasil. In: CASTRO, Amanda M. ; MACHADO, Rita de C. F. M. (orgs). **Estudos feministas, mulheres e educação popular** - Curitiba CRV, 2016, 342 p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **BNCC. Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. Brasília. 2018. 600 p. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf>. Acesso em: 24 de setembro de 2019.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. Campinas, SP: 4 ed. Papyrus, 1987.

OCHOA, Luz Maceira. **El sueño y la práctica de sí**. Pedagogia Feminista: uma proposta. México, D.F: El colégio de México, 2008.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José (Org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Beriadis & Vertecclria Editores, 2009. p. 116-146. Coleção sociedade em foco: introdução às ciências sociais.

RAGO, Margareth. **Epistemologia Feminista, Gênero e História**. Descobrimo historicamente o gênero. CNT Compostela, 2012.

RAMBO, Ricardo Albino. **Emancipação na perspectiva de Paulo Freire**. Disponível em: <<https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/rambo.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2020.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero patriarcado violência**. 2.ed. – São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015. 160 p.

SARDENBERG, C. **Considerações introdutórias às Pedagogias Feministas**. In: COSTA, A. et al. (Orgs.). Ensino e Gênero: perspectivas transversais. Salvador: NEIM, 2011. p.17-32.

SARDENBERG, Cecília. **Pedagogias feministas: uma introdução**. In: VANIN, Iole; GONÇALVES, Terezinha. Caderno Gênero e Trabalho, REDOR, p.44-57, 2006.

SCAVONE, Lucila. **Religiões, gênero e feminismo**. Revistas de Estudos da Religião (2008) p. 1-8. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_scafone.pdf. Acesso em: 12 de setembro de 2019.

SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses**. New York: Columbia University Press, 1989. 135 p. Disponível em: <[http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/Gênero-Joan Scott.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/Gênero-Joan%20Scott.pdf)>. Acesso em: 23 de agosto de 2019.

SILVA, Maria Cecília Pereira da (org). **Sexualidade começa na infância**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

SOUZA, Nádia Geisa Silveira de. O corpo como uma construção biossocial: implicações no ensino de ciências. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; QUADRADO, Raquel Pereira. **Corpos, gênero e sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar**. 3. ed. Rio Grande: Editora da Furg, 2013. p. 16-22. Caderno pedagógico - anos finais.

STEFANES, Katila Thaianá. **Corpo, gênero e sexualidade: implicações de uma prática pedagógica e uma pauta da educação do campo**. 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/203417/TCC%20-%20Stefanes%20%282019%29%20A5%20-%20impress%c3%a3o.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 20 de setembro de 2019.

THIOLLENT, Michel, 1947. **Metodologia da pesquisa-ação** – 18 ed. – São Paulo: Cortez, 2011.